

A BATALHA DA FLORESTA DE HURTGEN Por Reinaldo V. Theodoro



Soldados americanos diante da sinistra Floresta de Hurtgen.

“Depois de Hurtgen, sempre que veteranos das 4ª, 9ª e 28ª Divisões se referiam à dureza de um combate, faziam-no em termos de comparação com a Batalha da Floresta de Hurtgen, que eles colocam no topo da lista”.

General Dwight D. Eisenhower.
Supremo Comandante das Forças Aliadas.

“O comando alemão não podia compreender a razão para fortes ataques americanos na Floresta de Hurtgen... o combate numa área de florestas negava às tropas americanas as vantagens oferecidas pelas suas forças aéreas e blindadas, a superioridade das quais havia sido decisiva em todas as batalhas travadas anteriormente”.

Generalmajor Von Gersdorff
Chefe de Estado-Maior do 7º Exército alemão.

“A floresta que eles haviam assegurado, pela qual eles haviam pago um alto preço, era inútil. A batalha não encurtou a guerra nem por um minuto”.

Stephen Ambrose
Autor de “Citizen Soldiers”.

“Para nós, Hurtgen foi a mais custosa, mais improdutiva e mais mal planejada batalha que nosso Exército jamais combateu”.

General James M. Gavin.
Comandante da 82ª Divisão Aeroterrestre.

Introdução

Os interessados pela 2ª Guerra Mundial, em geral, têm a impressão de que os americanos avançaram de vitória em vitória, seguindo um cuidadoso planejamento estratégico, da Normandia até o rio Elba, perturbados somente pela Batalha das Ardenas. Mas essa impressão é errada. Os americanos amargaram alguns fracassos, alguns bem sérios, ao longo da campanha de libertação da Europa. E a Batalha da Floresta de Hurtgen¹, em particular, entrou para a História como o maior erro estratégico das forças armadas americanas na campanha do noroeste europeu em 1944-45.

“Batalha da Floresta de Hurtgen” é o nome dado a uma série de combates travados nas florestas em torno da cidade alemã de Hurtgen entre 13/09/44 e 10/02/45. Ao todo, seis divisões de infantaria, duas blindadas e uma de pára-quedistas foram lançadas ali, apenas para emergirem dela desgastadas, dizimadas e desmoralizadas.

¹ São também usados os termos “Huertgen” (nome em inglês) e “Hürtgen” (alemão). Contudo, o termo aqui utilizado, “Hurtgen”, é como o nome da região ficou famoso devido à maior facilidade de pronúncia. De fato, a batalha se desenrolou num agrupamento de florestas, como a de Wenau, a de Roetgen e outras menores, mas toda a campanha acabou conhecida como “Batalha da Floresta de Hurtgen”.

zadas. Para cada metro conquistado, a Floresta de Hurtgen consumiu mais vidas que qualquer outro objetivo que os aliados conquistaram na Europa. Outras batalhas da 2ª Guerra Mundial foram mais importantes e decisivas, mas nenhuma foi tão sangrenta quanto esta. Foi uma das mais polêmicas, sangrentas e heróicas batalhas da História americana.



A região da Floresta de Hurtgen

Cenário

A Floresta de Hurtgen (ou *Hurtgenwald*) é, de fato, uma continuação das Ardenas (na Bélgica) e do Eifel (na Alemanha). Localizada ao sul da antiga cidade de Aachen, era uma floresta de árvores grossas, que mediam de 20 a 30 metros de altura. Em alguns lugares, a floresta era tão densa que a luz do sol não chegava ao solo, o que a transformava num mundo sombrio e assustador. Espalhando-se no sentido nordeste ao longo da fronteira belgo-alemã, a floresta cobre uma área de cerca de 50 milhas quadradas, com as cidades de Stolberg a noroeste, Düren a nordeste, Rotgen a sudoeste e a represa de Schwammenauel a sudeste formando os quatro cantos do campo de batalha. Ela acompanha o rio Kall e o córrego do Weisser Weh Creek, enquanto o rio Roer demarca os seus limites meridional e oriental. Contudo, não é uma floresta primária, mas plantada pelas mãos do homem em tempos modernos, por ordem do Estado-Maior Geral alemão, visando prejudicar qualquer avanço inimigo vindo daquela direção. Além disso, os alemães foram extremamente eficientes na construção de fortes posições defensivas. O poder aéreo, a artilharia e os blindados (as grandes vantagens dos aliados) foram anulados

pela densa floresta. As poucas estradas e o terreno acidentado restringiam o uso dos blindados e a densidade da floresta limitava o uso da artilharia, porque os observadores americanos não podiam avistar os alvos a longas distâncias. Naquele outono de 1944, o solo era alternadamente congelado e duro ou então fluido, com uma lama na qual os homens afundavam até quase os joelhos. O solo na região é rico em argila, que quando molhada se transformava numa lama escorregadia e pegajosa, que grudava em tudo que nela tocava. As trilhas rapidamente desapareciam sob o peso do tráfego motorizado e os veículos afundavam até os eixos. Os soldados, muitas vezes, ao subir por encostas, viam-se deslizando de volta ao ponto de partida.



A lama e sua presa.

As condições atmosféricas eram quase sempre horríveis, com granizo, neve, chuva, frio e névoa. Os soldados ficavam permanentemente molhados, com frio, freqüentemente sem dormir e sem comida quente. O "Pé-de-Tricheira" tornou-se uma verdadeira epidemia. Mas o mau tempo não afetava somente o infante, mas também a organização logística. Era sempre necessário um esforço sobre-humano para transportar suprimentos para a linha de frente e evacuar os feridos.

Prelúdio

Após a ruptura da frente na Normandia e a desenfreada perseguição aos derrotados exércitos alemães através da França, era consenso entre os militares de todas as patentes que a Alemanha estava derrotada e que a guerra estava prestes a terminar. O comando aliado estava empolgado com o seu sucesso e, com isso, tornou-se superconfiante. Esta era a atmosfera que reinava quando as tropas americanas chegaram à fronteira alemã em setembro de 1944. Porém, a corrida pela França havia criado gravíssimos problemas

logísticos. Os aliados haviam excedido em muito a capacidade de suas linhas de suprimentos, que ainda começavam nas praias da Normandia. Para complicar as coisas para os americanos, a limpeza dos acessos ao porto de Antuérpia, que resolveria esses problemas, foi adiada e a prioridade de suprimentos foi dada ao 21º Grupo-de-Exércitos britânico, do Marechal Bernard L. Montgomery, que lançaria a “Operação Market-Garden” na Holanda. Para cobrir o flanco direito dos exércitos britânicos, o 1º Exército americano, do Tenente-General Courtney H. Hodges, foi postado diante da fronteira alemã entre Aachen e a Floresta de Hurtgen. Mas, o melancólico fim da “Market-Garden” levou Eisenhower a permitir que os comandos americanos realizassem operações limitadas, visando manter a pressão sobre os alemães antes que a chegada do inverno impedisse as operações em larga escala.

Ao 7º Corpo-de-Exército coube a missão de ser a ponta-de-lança do 1º Exército americano no avanço para o rio Roer e, mais além, para o Reno. Porém, o comandante do 7º Corpo, Major-General J. Lawton "Lightning Joe"² Collins, tinha sérias preocupações. À sua esquerda, a fortemente defendida cidade de Aachen, porta de entrada da Alemanha e, à sua direita, a densa Floresta de Hurtgen. Com isso, restava a Collins apenas uma brecha de meros dez quilômetros para avançar, no chamado “Corredor de Stolberg”. Ele então decidiu lançar um ataque com suas três divisões: à esquerda, a 1ª Divisão de Infantaria envolveria Aachen, esperando que o 19º Corpo, então ainda em marcha para a frente, se encarregasse de capturá-la; no centro, a 3ª Divisão Blindada avançaria pelo “Corredor de Stolberg” tendo, à direita, a 9ª Divisão de Infantaria. Temendo que a região da Floresta de Hurtgen servisse como área de concentração de reservas inimigas contra o seu flanco direito, Collins ordenou que a 9ª DI limpasse a orla norte da floresta. Tudo leva a crer que ele não esperava muita resistência – ele ficaria muito desapontado.

Os Defensores

Mantendo essa parte da frente estava o 7º Exército do General Erich Brandenberger. O comando alemão estava decidido a defender tenazmente a floresta por quatro razões: primeiramente, as dificuldades do terreno faziam-no ideal para a defesa por uma pequena, porém, resoluta força. Em segundo lugar, a posição, ao longo da fronteira belgo-alemã, oferecia uma ótima oportunidade para bloquear o avanço aliado para o coração da Alemanha. Em terceiro lugar, os alemães esta-

vam bastante cientes da importância das represas do Roer e mantê-las era uma questão predominante em suas decisões. Finalmente, retardar o inimigo a oeste do Roer era essencial para ganhar o tempo necessário para a concentração, atrás do rio, das forças destinadas à ofensiva das Ardenas.

O moral e a qualidade das forças alemãs diante dos americanos em Hurtgen era, em geral, baixo. As unidades eram uma mixórdia vinda de todas as partes, incluindo muitos que haviam escapado da destruição do Exército alemão na França. Em sua resignação sem esperanças, alguns se tornaram fatalistas, outros procuraram consolo na religião e outros ainda buscavam a primeira oportunidade para desertar ou cair prisioneiro. Após perderem a confiança em sua liderança, as tropas continuaram a combater somente por suas vidas. A opção de retirada estava totalmente vedada. Embora muitos desejassem desertar ou se render, o medo de represálias contra suas famílias mantinha muitos soldados em seus lugares. Durante esse período da guerra, era uma prática comum para os oficiais alemães exigir que seus soldados assinassem um juramento de lealdade. Algumas divisões divulgavam os nomes dos que haviam desertado ou sido capturados e usavam-nos como alerta para os outros.

A ausência de tropas de 1ª classe em Hurtgen não impediu, porém, uma forte defesa alemã. Eles superavam as suas deficiências em pessoal minando as poucas estradas e trilhas e concentrando a sua artilharia eficientemente. Com um terreno tão restritivo, mesmo esquadrões improvisados podiam manter à distância unidades muito maiores, enquanto infligiam pesadas baixas a qualquer atacante.

O cerne da defesa alemã, portanto, era a sua artilharia. Estando de posse dos pontos dominantes da região e com suas tropas bem protegidas em casamatas e embasamentos cobertos, os alemães fizeram enorme uso de artilharia e morteiros durante todas as fases da batalha, com resultados devastadores.



A 9ª DI Entra em Hurtgen

A 9ª Divisão de Infantaria, do Major-General Louis A. Craig, era uma unidade do Exército regular (forças federais), ativada a 01/08/40. Ela já tinha uma longa história na 2ª Guerra Mundial, tendo lutado na África do Norte, Sicília e na Normandia, onde desembarcou a 10/06/40, tendo combatido desde então na França e na Bélgica. Ela tinha em

² “Zé Relâmpago”

seu apoio o 746º Batalhão de Tanques. O ataque de Collins começou a 13/09/44 e dois dias depois a 9ª DI capturava Zweifall, já na orla norte da Floresta de Hurtgen, contra pouca resistência, uma vez que os alemães estavam esperando um ataque contra Aachen. A 16/09/44, a despeito de feroz resistência, a 9ª DI conseguiu capturar Vicht e avançar para Shevenhutte.

Porém, a 17/09/44, a 12ª Divisão *Volksgrenadier* contra-atacou a 3ª DB americana, que sofreu pesadas baixas e teve que se retirar de Stolberg. Animados com esse sucesso, os alemães iniciaram uma série de contra-ataques que efetivamente detiveram os americanos.

Devido à escassez de combustível, Collins ordenou que suas tropas parassem a oeste do Roer até que mais suprimentos chegassem. É interessante observar aqui que Collins parecia estar completamente desavisado da importância crucial das represas do rio Roer. Se os alemães explodissem as suas comportas, provocando uma inundação em toda a faixa atravessada pelo rio, isso impossibilitaria a travessia de tropas, veículos e suprimentos, efetivamente cortando a linha de abastecimento das unidades que estivessem a leste dele. Portanto, se suas tropas tivessem gasolina e atravessassem o rio, estariam expostas a um risco enorme de total aniquilação. Mas, tudo leva a crer que ele não sabia ainda disso. De fato, não apenas Collins estava ignorante dessa situação, mas, aparentemente, todos os comandantes graduados envolvidos nessa campanha. Ao que tudo indica, somente em fins de outubro é que os generais americanos passaram a reconhecer a importância dessas represas.

Com o fracasso do 7º Corpo, uma nova operação foi planejada. Agora, o objetivo seria limpar a Floresta de Hurtgen e atingir o rio Roer. A 9ª DI encabeçaria o ataque, visando capturar Germetter, Vossenack e Schmidt. Com o controle da rede de estradas que serve a essa última cidade e de posse das elevações circundantes, a Floresta de Hurtgen estaria totalmente dominada.

O mau tempo prejudicou as operações, mas, a 14/10/44, os americanos asseguraram a encruzilhada 471, embora acabassem detidos.

Em fins de outubro, a 9ª DI recebeu ordens de sair de linha para descanso e foi transferida para o 5º Corpo, exceto o 47º RI, que permaneceu na área do 7º Corpo, anexado à 1ª DI, o qual retomou o ataque a 16/11/44 ao norte de Hurtgen.

Com o apoio aéreo e a artilharia quase inúteis, os GIs foram forçados a um combate contra a lama e as minas, levado a efeito com escaramuças de infantaria, com suas linhas cada vez mais aprofundadas na floresta, com metralhadoras e morteiros como único apoio. Pelo meado de outubro, a 9ª DI havia sofrido mais de 4.000 baixas e con-

quistado apenas 3 quilômetros, enquanto os alemães tiveram cerca de 3.800 baixas.



A 28ª DI Assume a Tarefa

Com o fracasso da 9ª DI, a tarefa de limpar a floresta passou para as mãos do 5º Corpo, do Tenente-General Leonard T. Gerow. Gerow escolheu para cumprir a missão a 28ª Divisão de Infantaria, uma unidade da Guarda Nacional da Pensilvânia conhecida como a "Keystone" (Pedra Angular - referência ao seu símbolo de ombro³), sob o comando do General de Brigada Norman D. "Dutch"⁴ Cota, que havia assumido o comando da divisão a 13/08/44, após ele ter se destacado no desembarque na praia de Omaha no "Dia-D". A "Keystone" foi ativada a 17/02/41 e desembarcou na França a 22/07/44, lutando nos estágios finais da campanha da Normandia. Atravessou lutando a França e a Bélgica (desfilou em Paris) e chegou a Hurtgen como uma divisão bastante experimentada e com efetivos completos.

A 28ª substituiu a 9ª a 25/10/44 e Cota planejou atacar a 02/11/44. Para auxiliá-la, a 5ª Divisão Blindada do Major-General Lunsford E. Oliver iria atacar o corredor de Monschau em Lammersdorf. A data original para a ofensiva do 7º Corpo era 05/11/44.

Para tão árdua tarefa, a 28ª DI foi bastante reforçada. Foram anexados a ela o 707º Batalhão de Tanques, o 893º Batalhão de Caça-Tanques, o 630º Batalhão Anti-Tanque, o 86º Batalhão Químico (morteiros de 4,2 polegadas), o 1171º Grupo de Engenharia de Combate, o 447º Batalhão Anti-Aéreo, a Bateria "A" do 987º Batalhão de Artilharia de Campanha (obuseiros autopropulsados de 155 mm), o 12º Grupo de Combate Regimental (da 4ª DI), 8 batalhões de artilharia de campanha, 6 batalhões de artilharia pesada do 7º Corpo e 5 grupos de caça-bombardeiros do 9º Comando Aéreo Tático. Tendo em vista as dificuldades do terreno, 47 veículos anfíbios M29 Weasel também foram destacados para a divisão.

Diante de Cota estavam elementos de nada menos que três divisões de infantaria alemãs (89ª, 272ª e 275ª), embora a missão de defender a floresta coubesse à 275ª, do General Hans Schmidt. Esta divisão era composta por três regimentos de dois batalhões cada (983º, 984º e 985º) e

³ Tantos soldados da 28ª DI tomariam em Hurtgen que mais tarde o título da divisão foi corrompido para "Balde de Sangue", já que a "pedra" lembrava igualmente um balde.

⁴ "Holandês"

havia lutado na Normandia, sendo repelida através da França até a fronteira alemã, onde foi reorganizada. Além disso, a 89ª Divisão estava reforçada com o 1023º Regimento de Granadeiros da Reserva, os 5º, 9º e 14º Batalhões da Luftwaffe e o 1403º Batalhão de Fortificação.

A área de operações da 28ª Divisão estava sob observação inimiga, principalmente dos terrenos elevados da área de Brandenburg e Bergstein.

Na véspera do ataque, porém, devido a um tempo atroz, a ofensiva principal do 7º Corpo foi adiada para o dia 10/11/44, mas o ataque da 28ª DI não sofreu nenhuma alteração em decorrência disso. Da maneira como as coisas aconteceram, a 28ª Divisão foi a única unidade aliada a atacar numa frente de mais de 270 quilômetros, da Holanda a Metz, permitindo assim aos alemães concentrem suas parcas reservas num único ponto.

A 28ª partiu para o ataque às 9:00 h de 02/11/44, após uma forte preparação de artilharia (o mau tempo prejudicou o apoio aéreo). Cada um de seus três regimentos tinha um objetivo distinto e com direções divergentes.

À esquerda da divisão, o 109º RI (Tenente-Coronel Daniel B. Strickler) iria avançar na direção nordeste, ao longo da estrada Germeter-Hurtgen e conquistar a linha de florestas que dominava Hurtgen. No primeiro dia, o batalhão a oeste da estrada conseguiu atingir a linha de florestas, mas o batalhão na estrada foi detido, após percorrer somente 300 metros. As tentativas de flanqueio realizadas no dia seguinte falharam devido principalmente a dois contra-ataques alemães, que causaram confusão no lado americano. Pelos próximos poucos dias, a situação continuou incerta. Enquanto os americanos haviam forçado um estreito saliente de cerca de 1,5 quilômetro no platô arborizado entre o Weisser Weh e a estrada, os alemães conservavam o outro lado dela. Mesmo o engajamento do batalhão reserva no dia 04/11/44 não provocou nenhuma alteração na situação.



Soldados da 28ª DI movem-se próximo à encruzilhada de Raffelsbrand, 02/11/44.

À direita, o 110º RI (Coronel Theodore A. Seely) atacaria para o sul, atravessaria a encruzilhada de Raffelsbrand e abriria uma rota alternativa para o Corredor de Monschau. Mas essa parte da floresta era repleta de casamatas e bunkers de troncos e infestada de minas, arame farpado e armadilhas. Os batalhões do 110º RI, após 12 dias de trabalhosas e custosas tentativas de infiltração, não conseguiram quebrar o impasse em Raffelsbrand. O ataque ali acabou cancelado a 13/11/44.

O 112º RI (Tenente-Coronel Carl L. Peterson), atacando no centro, havia recebido a missão principal. Ele iria atacar para leste a partir de Germeter e capturar Vossenack, para então avançar pelo vale do rio Kall e atingir primeiro Kommerscheidt e, finalmente, Schmidt, o objetivo final da divisão. O começo foi bastante promissor: com o apoio de tanques, um batalhão havia conseguido tomar Vossenack no início da tarde e atingiu o fim da cota onde a cidade se situava. Mas o batalhão que estava avançando pelo terreno até Schmidt imediatamente caiu sob fogo pesado e foi detido pelo resto do dia.

De Vossenack para o sudeste, havia uma trilha estreita de cerca de três quilômetros de extensão, descendo abruptamente até o rio Kall para então subir tortuosamente até a cidade de Kommerscheidt e ao longo de um esporão até Schmidt. As fotos tiradas pelo reconhecimento aéreo não revelaram a situação em toda a sua extensão. Essa trilha, que ficaria conhecida como a "Trilha de Kall", foi escolhida não somente como eixo de ataque, mas também como principal rota de suprimentos da divisão.

De fato, a trilha era uma pista de lama, bloqueada com incontáveis árvores derrubadas. Além disso, era estreita demais, em alguns pontos com largura de apenas 2,70 metros, limitada abruptamente de um lado por um íngreme muro de pedras e de outro por uma profunda depressão. No fundo do vale, uma ponte de arco de pedras atravessava o gelado e lento rio Kall.

Bem cedo em 03/11/44, dois batalhões do 112º RI, desceram pela trilha de Kall. Marchando de Vossenack e subindo pela outra vertente, eles conseguiram (para surpresa geral) atingir Kommerscheidt e então Schmidt. Pelo anoitecer, um batalhão estava posicionado em cada uma das vilas e organizado defensivamente. Porém, eles não tinham armas anti-tanques além das suas bazucas e minas e a necessidade de levar blindados através do vale do Kall tornou-se então assunto urgente.

No final do dia, na mais absoluta escuridão, uma companhia do 707º Batalhão de Tanques iniciou a tentativa de reforçar a infantaria, mas logo descobriria que a trilha era impassável para equipa-

mento pesado. O terreno fofo começou a ceder com o peso do primeiro tanque, enquanto as rochas que ladeavam a trilha impediam qualquer tipo de manobra.

O 20º Batalhão de Engenharia de Combate então recebeu ordens de trabalhar durante a noite para que os tanques pudessem tentar a travessia novamente pela manhã. Porém, a trilha pouco havia melhorado ao amanhecer, quando os Shermans fizeram uma segunda tentativa. Prejudicados pelas minas e pelo terreno difícil, apenas três tanques seguiram rumo a Kommerscheidt. Ao todo, cinco tanques ficaram imobilizados na trilha, rota vital de suprimentos, que ficou assim absolutamente interdita até mesmo para os versáteis Weasels.

Enquanto isso, a reação alemã começava a tomar forma. Na noite de 04/11/44, a 89ª DI alemã foi substituída pela 272ª Divisão *Volksgrenadier* após dois meses mantendo a Linha Siegfried em Lammersdorf. Retirando-se através de Schmidt, seu 1055º Regimento de Infantaria foi cortado em dois quando os americanos capturaram a cidade. Assim, por mero acaso, os alemães se viram envolvendo os americanos em Schmidt. Também por coincidência, quando o ataque americano começou, o comando alemão estava realizando um "wargame" no QG do Grupo-de-Exércitos "B", do Marechal Walter Model, do qual participavam comandantes de Exército, Corpo e Divisão e o tema era justamente um ataque americano através da floresta de Hurtgen. Seguindo as linhas que acabavam de ser discutidas na simulação, Model liberou a 116ª Divisão Panzer (General Siegfried von Waldenburg) para enfrentar a ameaça. O 60º Regimento Panzergrenadier iria para Hurtgen, o 156º para Vossenack e o 16º Panzer (com apenas 25 tanques) para Schmidt.



Jagdpanzer IV da 116ª Divisão Panzer

Ao amanhecer do dia 04/11/44, o 16º Regimento Panzer e o 1055º Regimento de Infantaria atingi-

ram Schmidt do norte e do sudoeste. Incapaz de deter os blindados que disparavam à queimadura, o batalhão americano entrou em colapso, recuando em total confusão para Kommerscheidt, onde cerca de 200 homens juntaram-se à sua guarnição. Mas o furacão logo atingiu igualmente essa cidade. O dia só não foi um desastre total graças aos três Shermans do Tenente Raymond E. Fleig, que haviam conseguido chegar a Kommerscheidt e, numa série de duelos entre tanques, conseguiram destruir três veículos inimigos. Uma bazuca conseguiu incapacitar outro e um fortuito ataque de um P-47 destruiu mais um. Pelas 16:00 h, os alemães começaram a recuar. O General Cota ordenou então a retomada de Schmidt, mas o Coronel Peterson compreendeu que ele teria sorte se conseguisse manter Kommerscheidt.

Nessa noite, outro regimento da 89ª DI, o 1056º, chegou para reforçar o anel em torno dos americanos. Enquanto isso, o 60º Regimento Panzergrenadier contra-atacava o 109º RI.

A crise em Schmidt aumentou dramaticamente a urgência em abrir a trilha de Kall e levar blindados para Kommerscheidt. Ao longo do dia 04/11/44, engenheiros e tanquistas trabalharam febrilmente, mas com poucos resultados. Mas, finalmente a trilha foi aberta e 5 Weasels, 9 M10 do 893º Batalhão de Caça-Tanques e 6 Shermans atravessaram o rio cedo no dia 05/11/44 e uniram-se aos defensores de Kommerscheidt. Com isso, os sobreviventes do 112º RI conseguiram manter a cidade a despeito dos repetidos ataques alemães realizados naquele mesmo dia. Ao mesmo tempo, a melhoria das condições atmosféricas permitiu pela primeira vez que a aviação apoiasse as tropas de terra.

Também nesse dia, o General Cota formou a "Task Force Ripple", sob o comando do Tenente-Coronel Richard W. Ripple, comandante do 707º Batalhão de Tanques. Ela consistia dos blindados já em Kommerscheidt, mais outro pelotão de caça-tanques, uma companhia de tanques leves e um desfalcado batalhão do 110º RI. Sua missão era retomar Schmidt. Antes do amanhecer do dia 06/11/44, a força pôs-se em movimento, mas nunca efetivamente tentou retomar Schmidt. Na noite de 5 para 6, elementos do 116º *Panzer-Aufklarungs-Abteilung* (Batalhão de Reconhecimento Blindado da 116ª Divisão Panzer) entraram no vale do Kall pelo norte. Os alemães atingiram a trilha, minaram-na e emboscaram alguns americanos desavisados. Contudo, ao amanhecer, os alemães recuaram diante da aproximação da "Task Force Ripple", que continuou seu caminho ignorando que o inimigo estivera tão perto.

Enquanto isso, em Vossenack, outra crise ameaçava a existência do 112º RI. Após três dias e

quatro noites de constante bombardeio pela artilharia alemã, o batalhão que defendia a cota de Vossenack entrou em colapso. Ao romper do dia, apesar de não haver nenhum ataque alemão, uma companhia entrou em pânico e debandou. Em questão de minutos, todo o batalhão estava fugindo.

Para lidar com essa crise, o assistente do comandante da divisão, General de Brigada George A. Davis, tinha somente tropas de engenharia. O 146º Batalhão de Engenharia de Combate foi enviado para Vossenack para manter a frágil linha. O 1340º Batalhão de Engenharia de Combate e elementos do 20º foram enviados ao vale do Kall, que, para sua surpresa, não havia sido ocupado pelo inimigo. Na manhã seguinte, o 146º de Engenheiros realizou uma carga que restaurou as posições anteriores na cota.

No dia 06/11/44, devido aos catastróficos eventos na frente do 112º RI e após receber ordens diretas do comando do 5º Corpo, o 109º RI foi substituído pelo 12º RI da 4ª DI. Embora desgastado, o 109º se fazia necessário para socorrer a frente diante de Vossenack.

No dia 07/11/44, o General Cota formou outra força-tarefa, sob o comando do General Davis. Além da infantaria e blindados já em Kommerscheidt, ela consistia de um batalhão do 109º RI (que acabara de ser retirado de linha após quatro dias de combates), uma companhia de tanques e outra de caça-tanques. Mais uma vez, a missão dessa força era retomar Schmidt, mas a "Task Force Davis" nem sequer chegou a Kommerscheidt.

Enquanto isso, em Kommerscheidt, a 89ª DI preparava-se para a matança. Dois batalhões, apoiados por cerca de quinze tanques da 116ª Panzer, atacaram a cansada e desfalcada guarnição americana. Em um combate aceso, 6 blindados alemães, 3 M10 e 2 Shermans foram destruídos. Durante o combate, uma mensagem equivocada fez com que o Coronel Peterson se dirigisse ao PC da divisão e deixasse o Coronel Ripple no comando. Na trilha de Kall, o jipe de Peterson foi emboscado e, quando ele chegou ao QG da divisão, estava exausto, havia sido ferido duas vezes e estava entrando em colapso nervoso. Pelo anoitecer, os alemães haviam reconquistado (ou libertado, já que era território alemão) a vila de Kommerscheidt. Repelidos, os últimos americanos defendiam precariamente uma linha de florestas acima do vale.

Assim um soldado alemão testemunhou a vitória alemã em Kommerscheidt: "Quando nos aproximamos da primeira casa, notamos muitos corpos de soldados mortos, alemães e americanos. As casas estavam em diferentes estágios de destruição e algumas ainda ardiavam. Na estrada havia

alguns tanques alemães, disparando com seus canhões. Também havia vários tanques americanos e outros veículos destruídos entre as construções. Exceto pelos mortos, não podíamos ver nenhum soldado americano e não encontramos resistência. Como não encontramos nenhum inimigo e estávamos com fome, passamos a procurar comida e cigarros. Subitamente, soldados americanos começaram a aparecer de uma grande trincheira próxima a um pomar com as mãos levantadas e, não estou certo, carregando uma bandeira branca. Eram 10 ou 12 e eles pareciam desmoralizados e amedrontados. Por alguns momentos, éramos apenas 5 de nós diante deles. Os prisioneiros foram levados a uma área perto de uma casa na vila que nós havíamos capturado. Cerca de 20 GIs agora tinham que ser levados para a retaguarda por 3 ou 4 dos nossos, mas ninguém queria ser voluntário para isso. Isso se devia ao fato de alguns dos GIs serem grandes e fortes e isso teve um efeito amedrontador sobre nós".

As catástrofes em Schmidt, Vossenack e Kommerscheidt finalmente levaram o comando aliado a compreender o drama que havia se abatido sobre a infeliz 28ª DI. No fim do dia 07/11/44, o General Hodges aprovou a retirada de todas as tropas além do rio Kall. Nessa noite, em total escuridão e sob a cobertura de uma barragem de artilharia, os sobreviventes fizeram seu caminho de volta. Sozinhos ou em pequenos grupos, os homens vadearam o gelado rio Kall, mas dos 2.200 homens que o haviam atravessado na ida, menos de 300 estavam de volta.

O segundo ataque a Schmidt havia se constituído numa das mais caras ações divisionais realizadas pelos aliados em toda a 2ª Guerra Mundial. Ao todo, a 28ª DI e unidades anexas haviam sofrido 6.184 baixas em combate, além de registrar 738 casos de "pé-de-trincheira" e 620 casos de fadiga de combate. A unidade mais duramente atingida havia sido o 112º RI: 232 homens capturados, 431 desaparecidos, 719 feridos e 167 mortos, além de 544 baixas fora de combate, num total de 2.093 baixas. Por 13/11/44, todos os oficiais nas companhias de fuzileiros haviam se transformado em baixas. As perdas de equipamento também foram sérias: 31 tanques e 16 caça-tanques, além de números impressionantes de caminhões, Weasels, canhões, etc. Os alemães também haviam sofrido baixas pesadas, chegando a cerca de 3.000 homens e 15 tanques.

Os alemães haviam retomado Schmidt e Kommerscheidt e os americanos mal se agüentavam em Vossenack.

Os dois primeiros ataques a Schmidt falharam devido ao controle que os alemães tinham da parte alta da floresta. Eles puderam utilizar o ter-

reno elevado para observar os movimentos das tropas americanas e bombardeá-las. Eles controlavam todas as estradas naquela parte da floresta e podiam mover suas reservas livremente para qualquer ponto ameaçado.

Mas, podemos, ainda assim, considerar aqui dois erros fundamentais cometidos pelo General Cota. Primeiro, ele dividiu suas forças, fazendo ataques descoordenados, definindo objetivos divergentes aos seus regimentos, sem manter uma reserva divisional e com o esforço principal nas costas de um único regimento (o 112º).

Em 2º lugar, o General Cota determinou que a acidentada e mal reconhecida trilha de Kall seria a principal rota de suprimentos da divisão. Previsivelmente, a trilha transformou-se num pesadelo. A 13/11/44, a 28ª DI foi substituída pela 8ª DI. Mas, por uma macabra ironia, a 28ª foi estacionada, para descanso e recuperação, na linha do rio Our, no coração da Floresta das Ardenas, bem no caminho da ofensiva alemã de 16/12/44.



A Provação da 4ª DI

Chegara a vez da 4ª Divisão de Infantaria, do Major-General Raymond O. Barton, conhecer o inferno de Hurtgen.

A 4ª DI era uma divisão do Exército regular, ativada a 01/06/40. Teve seu batismo de fogo desembarcando na praia de Utah, na Normandia, e enfrentara muitas batalhas desde então. Contudo, não restavam mais muitos veteranos do "Dia-D" na divisão.

Como já vimos, a 4ª DI entrou em linha diante de Hurtgen a 06/11/44, quando o seu 12º RI substituiu o 109º RI. O 12º RI então foi alvo de um contra-ataque alemão a 10/11/44, que manteve elementos do regimento isolados até 15/11/44.

A 12/11/44, ocorreu um evento de rara magnanimidade na crueldade da batalha: o Tenente Friedrich Lengfeld, do 275º Batalhão de Fuzileiros da 275ª DI alemã, perdeu a vida ao tentar salvar um americano ferido. O 22º RI ergueu um memorial em sua homenagem a 07/10/94.

A missão da divisão era atacar diretamente pelo centro da floresta, visando capturar as cidades de Hurtgen, Kleinhau, Grosshau e Gey, movendo-se então na direção geral de Düren até atingir a margem oeste do rio Roer. Uma vez conquistado Grosshau, os americanos lançariam um ataque contra a Cota 400, conhecida como "Crista do Castelo" pelos americanos e "Burgberg" pelos alemães. Atrasada pelo mau tempo, a "Operação Queen" começou a 16/11/44, tendo o 22º Regi-

mento de Infantaria como ponta-de-lança. Anexados à 4ª DI estavam o 70º Batalhão de Tanques (que a acompanhava desde a Normandia), o 803º Batalhão de Caça-Tanques e o 377º Batalhão de Artilharia AA Autopropulsada. O CCR⁵ da 5ª DB (Coronel. Glen H. Anderson) apoiaria o ataque.

A 275ª DI alemã estava postada na floresta desde meados de outubro e havia enfrentado os ataques das 9ª e 28ª Divisões. O seu 985º RI (então com cerca de 600 soldados) enfrentaria inicialmente o ataque do 22º RI. Ao norte e ao sul de Grosshau estavam dois batalhões do 1055º RI da 89ª DI e um do 1058º RI da 344ª DI, que estava posicionada no centro.

Às 12:45 h de 16/11/44, o 22º RI iniciou o avanço. Embora o 7º Corpo tivesse retardado o seu ataque até que houvesse tempo bom para a aviação, não havia apoio aéreo no setor do 22º RI. O Coronel Charles Lanham, o comandante regimental, também havia rejeitado a preparação de artilharia tradicional antes do ataque. Ao invés disso, ele determinou que fosse efetuada uma barragem de artilharia sobre os flancos do eixo de ataque, na esperança de confundir os alemães.

A companhia de vanguarda avançou cerca de 300 metros em trinta minutos antes de fazer qualquer contato. Nas primeiras duas horas do ataque, todos os informes dos batalhões para o regimento e do regimento para a divisão citavam pouca ou nenhuma resistência e que as coisas estavam "indo bem". Essa impressão não duraria muito...

Um batalhão do 22º RI subiu a encosta leste do vale do Roter Weh e começou a marchar para nordeste através da densa floresta de pinheiros. Quando a companhia da vanguarda continuou a subir a crista, passou a receber fogo de metralhadoras das posições alemãs.

O batalhão entrincheirou-se para passar a noite às 16:30 h na Cota 201 e na garganta ao norte do promontório conhecido como "Rabenheck", com vistas sobre a estrada identificada nos mapas como "Estrada W", a única via na área em condições de ser usada no abastecimento do regimento. A floresta tinha quebra-fogos que permitiam somente a passagem de um jipe, mas eram fortemente minadas e interditadas por fogo de metralhadoras. As estradas para Hurtgen estavam todas bloqueadas. Os alemães faziam obstáculos com troncos de árvores e depois as minavam e colocavam armadilhas. Finalmente, enquadravam o local com a sua artilharia e morteiros e bastava

⁵ CCR – Comando de Combate Reserva. Era composto por um batalhão de tanques, um de infantaria blindada e um de artilharia autopropulsada, mais uma companhia de caça-tanques, uma de engenharia e uma de reconhecimento.

que se ouvisse o som de homens trabalhando na retirada das minas para deflagrar o bombardeio de toda a área.

Como os veículos não conseguiam chegar à frente, os soldados dos pelotões de armas pesadas transportaram à mão os feridos por um quilômetro de volta às suas bases, através da rota original do ataque, durante a noite. No retorno às suas companhias, os soldados transportaram suprimentos para o batalhão.

No dia 17/11/44, o regimento retomou o ataque. Pesadas barragens de artilharia e morteiro se abateram sobre os atacantes tão logo começaram a se mover. O fogo causou pesadas baixas e matou o comandante do 1º Batalhão, Major Hubert Drake. Diante do caos que surgiu, Lanham ordenou ao Oficial Executivo do 1º Batalhão, Major George Goforth, que assumisse o comando.

Pouco antes de o avanço ser reiniciado, quatro tanques leves chegaram ao front. Eles foram muito úteis para levantar o moral, mas tiveram pouca utilidade em combate: dois bateram em minas e árvores derrubadas impediram o avanço dos demais.

O 3º Batalhão, em reserva e cobrindo a retaguarda contra infiltrações alemãs, não havia tido ainda nenhum contato com o inimigo, mas ainda assim havia sofrido baixas causadas pela artilharia. O comandante do batalhão, Tenente-Coronel Arthur Teague, o último comandante de batalhão de infantaria da divisão que havia desembarcado na Normandia no “Dia-D”, bem como grande parte de seu Estado-Maior, estavam entre as baixas.

Nesse mesmo dia, na frente do 8º Regimento de Infantaria ao norte, também não houve grandes progressos e as baixas foram pesadas. O Tenente Bernard J. Ray, líder de pelotão na Companhia “F”, protagonizou um feito de heroísmo suicida: a sua companhia foi detida por um obstáculo de arame farpado e, sob fogo pesado, o Tenente Ray reorganizou seus homens e preparou-se para explodir uma passagem pelo arame, uma tarefa aparentemente impossível e da qual os outros tentaram dissuadi-lo. Ele então colocou cargas explosivas em seus bolsos e apanhou alguns torpedos bangalore. Ele correu para frente sob fogo, alcançou o obstáculo e preparou sua carga de demolição, enquanto granadas de morteiro caíam ao seu redor. Ele já havia colocado o torpedo sob o arame e preparava-se para ligar as cargas de demolição quando foi gravemente ferido por uma granada de morteiro. Aparentemente percebendo que morreria em vão, a menos que completasse logo a sua missão, ele tomou a suprema decisão de heroísmo: com o pavio ainda enrolado no corpo e com cargas explosivas nos bolsos, ele terminou as conexões e lançou-se sobre a barricada, explodindo junto com ela. Sua

bravura lhe rendeu uma póstuma Medalha de Honra do Congresso, mas a sua companhia continuou detida.

As baixas do dia haviam sido muito pesadas, especialmente entre os oficiais. Não somente o 22º RI havia perdido dois dos três comandantes de batalhão, mas líderes de companhias, pelotões e esquadrões haviam caído em números alarmantes.

A 18/11/44, o Coronel Lanham planejou renovar o ataque, lançando uma companhia, com forte apoio de artilharia, contra os alemães na Cota 210, enquanto outras duas companhias manobravam para o leste. Os homens atravessaram a “Estrada W” e o córrego com água pelo joelho e atingiram o terreno elevado 500 metros além.

O plano de Lanham teve êxito. O batalhão sofreu poucas baixas e, uma vez lá, se entrincheirou.

Mais ao sul, os americanos não tiveram a mesma sorte. Quando se aproximaram da estrada, os alemães efetuaram uma pesada barragem de artilharia. As unidades que seguiam as companhias de assalto sofreram pesadas baixas, incluindo o comandante do batalhão, Tenente-Coronel Glenn Walker, e a maioria do seu QG. O Major Joseph Samuels assumiu o comando. Por fim, e a despeito de pesadas baixas, uma companhia conseguiu escalar a crista que dominava a região a leste e ali se entrincheirar.

Apesar do reforço proporcionado por unidades extras de engenheiros, a remoção das minas nas estradas seguia lentamente. Em muitos lugares, descobriram-se minas colocadas uma sobre a outra e conectadas para explodir quando a de cima fosse levantada.

No dia seguinte (19/11/44), o General Barton ordenou que o 22º RI limpasse a “Estrada W” na sua fronteira norte com o 8º RI e que o 12º RI limpasse a área entre ele e o 22º RI.

Neste dia, o Tenente Robert Mitchell, o comandante do QG Regimental, foi morto quando um grupo de alemães extraviados atacou o posto de comando do 22º RI.

O ataque foi retomado a 20/11/44. Na frente do 8º RI, o Coronel Richard G. McKee ordenou que o 2º Batalhão realizasse uma grande demonstração, com artilharia e fumaça em quantidade. Ele então permaneceu imóvel, enquanto o 1º Batalhão avançava sem qualquer preparação de artilharia ou morteiro. O estratagema funcionou. Os alemães dispararam sua artilharia e morteiros contra a frente do 2º Batalhão, que permaneceu protegido em suas trincheiras. O 1º avançou sem encontrar resistência até que atingiu o objetivo do regimento, um mosteiro na floresta em Gut Schwarzenbroich. Quando o 2º Batalhão avançou, foi liderado em pessoa pelo seu comandante, o Tenente-Coronel George L. Mabry Jr. Os elementos de

vanguarda do batalhão foram detidos por um campo minado e imobilizados por pesado fogo inimigo. Avançando sozinho na área minada, Mabry estabeleceu uma passagem segura e então se moveu à frente dos batedores até defrontar-se com um obstáculo de arame farpado com armadilhas. Com a ajuda dos batedores, ele desconectou os explosivos e abriu uma trilha através do obstáculo. Avançando através do terreno aberto, ele observou três inimigos em foxholes, os quais ele capturou à ponta de baioneta. Continuando a avançar, ele assaltou três bunkers de troncos que abrigavam metralhadoras. Correndo por um aclave à frente de seus homens, ele encontrou o primeiro bunker vazio e então avançou para o segundo, onde ele se viu subitamente diante de nove soldados inimigos correndo para ele. Usando a coronha de seu fuzil, ele atingiu um inimigo e feriu à baioneta um outro, antes que seus batedores o alcançassem e o auxiliassem, subjugando então os demais. Ele então realizou uma carga contra o terceiro bunker sob o fogo de armas leves disparando à queima-roupa, onde ele atacou seis inimigos à baioneta. Após a consolidação da área, ele liderou seu batalhão através de 300 metros de terreno batido por fogo inimigo para atingir o terreno elevado, onde ele estabeleceu uma posição defensiva. Por sua extraordinária bravura, recebeu a Medalha de Honra do Congresso⁶.

Nessa mesma manhã, o 22º RI renovou seu ataque para o leste. Os soldados agora utilizavam uma técnica de assalto diferente da que eles haviam utilizado na marcha através da França: os soldados moviam-se em formações abertas de cinco metros de distância, reduzindo assim os efeitos de uma eventual explosão.

O 2º Batalhão novamente sofreu a maioria das baixas do regimento. O seu ataque deu o azar de colidir com um contra-ataque alemão apoiado por blindados. Após sofrer pesadas baixas, os remanescentes recuaram em desordem para a sua linha de partida, terminando o dia desorganizados demais para continuar o ataque.

O fogo de artilharia alemã atingiu novamente o PC do 2º Batalhão e feriu quase todos os seus oficiais, ficando ilesos somente uma dúzia de homens de comunicações e o novo comandante do batalhão, o Tenente-Coronel Thomas Kenan, que havia sido o oficial de operações do regimen-

to na Normandia até ser ferido. O batalhão estava agora com um efetivo inferior ao de uma companhia: menos de 150 soldados permaneciam nas linhas de frente.

O regimento agora estava praticamente sem reservas, continuava sem o apoio de blindados ou da aviação e com ambos os flancos perigosamente expostos a contra-ataques. Os feridos e suprimentos do regimento continuavam sendo transportados à mão desde o Weisser Weh Creek, onde os homens agora afundavam na água gelada até o pescoço. As minas continuavam fechando a rota principal de suprimentos ("Estrada X") e a sua remoção prosseguia lentamente.



O transporte de feridos tinha que ser feito à pé.

A 21/11/44, o General Barton ordenou uma pausa no ataque e novamente deu prazo para resolver os problemas logísticos e a evacuação de baixas, bem como a erradicação dos bolsões alemães que haviam sido evitados. Ele determinou que as próximas 24 horas seriam usadas para consolidar e abrir rotas de suprimento adequadas. Com um déficit de quase 300 soldados e 40 oficiais, o 22º RI tinha uma significativa escassez de homens nas suas companhias de fuzileiros.

Nesse mesmo dia, a 344ª Divisão de Infantaria alemã substituiu a 275ª Divisão. A 344ª original havia sido destruída na retirada alemã através da França, mas ela foi reconstituída em outubro a partir dos remanescentes das divisões 91ª (também destruída na França) e 172ª.

Perto do posto de comando regimental, um ataque com apoio de blindados finalmente eliminou um renitente ponto-forte inimigo que resistira por três dias. O regimento também conseguiu abrir a "Estrada X" como rota de suprimento, fazendo junção com o 8º RI. Tropas de Engenharia limpavam a "Estrada X" de minas até a 200 metros da ponte sobre o Weisser Weh Creek.

A 22/11/44, o Coronel Lanham novamente usou de ardis com sucesso. Ele engajou o 1º Batalhão,

⁶ Durante a 2ª Guerra Mundial, Mabry recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Honra do Congresso, Cruz de Serviços Distintos, Estrela de Prata, Estrela de Bronze, Coração Púrpura, Citação Presidencial de Unidade, Ordem do Serviço Distinto (britânica), *Fourragere* (belga), Brasão de Combate da Infantaria e cinco medalhas de campanha. Mabry sobreviveu à guerra e veio a falecer somente a 13/07/90.

apoiado por dois batalhões de artilharia, logo ao norte da “Estrada X”, enquanto o 3º Batalhão, com seus efetivos completos, avançava em torno do flanco esquerdo do 1º. O 3º Batalhão moveu-se várias centenas de metros até Schiefersiefen Creek, onde girou para o sul e passou por trás do inimigo que enfrentava o 1º Batalhão, capturando no processo um canhão antiaéreo e dois anti-tanques de 88 mm. A finta do 1º Batalhão, porém, não foi sem custo: os alemães responderam com uma violenta barragem de artilharia e infligiram pesadas baixas mesmo entre os soldados protegidos em seus foxholes.

No sul, o muito desgastado 2º Batalhão avançou os primeiros 600 metros contra ligeira oposição. Esse sucesso inicial deveu-se, muito provavelmente, à finta do 1º Batalhão e ao ataque da 8ª Divisão de Infantaria e da 5ª Divisão Blindada três quilômetros mais ao sul. Diante da Cota 119, porém, as companhias se depararam com embasamentos e canhões autopropulsados alemães de casco enterrado e gastaram o resto do dia abrindo caminho à força entre eles.

O baixas no 2º Batalhão foram tão altas que foi solicitado que jipes ou “qualquer coisa que rodasse” se dirigisse para o seu posto de atendimento de feridos. Uma companhia terminou o dia com apenas 25 soldados combatentes.

Os soldados do 2º Batalhão não somente estavam à beira da exaustão, como também consistiam então principalmente de recompletamentos. Seus pequenos números e a quase total ruptura da organização normal pioravam a situação. Os líderes de esquadrão comandavam os remanescentes de pelotões. Uma companhia estava com um efetivo tão reduzido que um sargento, líder de esquadrão, transportava o rádio da companhia, um morteiro de 60 mm e uma bolsa de munição, enquanto um tenente atuava não somente como líder de pelotão, mas também como operador de rádio e observador de artilharia.

Ao cair da noite, mais uma vez, tanques inimigos, realizando uma surtida a partir de Kleinhau, criaram sérias dificuldades. O Tenente-Coronel Kennan solicitou e recebeu 100 substitutos que haviam acabado de chegar. Como a maioria deles era de veteranos que já haviam estado em combate com o regimento antes, ele os enviou como um grupo de combate para ajudar a cobrir o ameaçado flanco sul.

O dia 23/11/44 era o “Dia de Ação de Graças” e os soldados receberam sanduíches de carne de peru. Ao receber a informação de que “os perus estavam esperando por transporte no QG do batalhão”, uma companhia, pensando tratar-se de uma palavra em código, enviou um destacamento para descobrir do que se tratava. Em outros lugares, os homens receberam ordens de apanhar

seu “almoço especial” mesmo estando na linha de frente, o que fez com que atraíssem fogo inimigo quando saíam de seus foxholes.

Até então, o 22º RI já havia perdido todos os seus comandantes de batalhão, um oficial executivo de batalhão, quase todo o QG do 2º Batalhão (e boa parte dos QGs dos demais), dois de cada três comandantes de companhias de fuzileiros, além de muitos oficiais nas companhias. As condições de combate dos batalhões variavam acentuadamente. O 1º Batalhão consistia então de cerca de 50% de recompletamentos. O 2º Batalhão estava com um efetivo abaixo do nominal e tinha de 70 a 80% de recompletamentos, muitos dos quais sem qualquer experiência de combate. O 3º Batalhão estava quase com efetivos nominais, com apenas cerca de 20% de recompletamentos, mas, apesar disso, não era uma unidade descansada. Seus soldados também haviam estado vivendo, trabalhando, cavando, patrulhando, combatendo e morrendo por nove dias na Floresta de Hurtgen.

O dia 24/11/44 também foi destinado à reorganização das unidades e descanso, uma vez que a retomada da ofensiva foi marcada para o dia 25. A principal rota de suprimentos foi finalmente aberta nesse dia e tanques e caça-tanques agora podiam chegar às linhas de frente.

A 25/11/44, o General Barton ordenou que os 8º e 22º RIs consolidassem suas posições, enquanto o 12º RI movia-se entre eles. Isso deu a cada regimento uma frente mais adequada para cobrir, porém, todas as unidades haviam sofrido baixas demais. Às vezes, mesmo antes que os recompletamentos chegassem às suas unidades, muitos deles eram feridos ou mortos por fogo de artilharia ou morteiro.

O objetivo do 22º RI em 25/11/44 era Grosshau. O plano de Lanham prescrevia um ataque combinado dos 2º e 3º batalhões para tomar a vila de duas direções e cada batalhão recebeu uma companhia de tanques em apoio.

Porém, uma trilha recentemente construída revelou-se imprópria para tanques e o 2º Batalhão acabou atacando sem eles. Alguns alemães evitaram as companhias de assalto e mataram o oficial executivo do batalhão, Capitão Eggleston. Pelas 10:30 h, porém, o batalhão atingia a margem da linha de árvores, a cerca de 600 metros a sudoeste de Grosshau.

O 3º Batalhão também encontrou pouca resistência inicial. Pelas 8:45 h, ele estava em posição ao longo da margem da floresta. O Major Kemp decidiu então efetuar um ataque coordenado, usando blindados e infantaria.

Mas os blindados caíram vítimas de minas e da lama, atrasando o início do ataque por 4 horas. Quando ele começou, às 13:30 h, 6 tanques foram rapidamente destruídos pelos canhões anti-

tanques alemães. A infantaria atacante foi recebida por uma maciça barragem de artilharia tão logo saiu da floresta e também foi forçada a retroceder. Por três horas, a artilharia alemã fez chover projéteis que despedaçaram quase cada árvore na área. As concentrações foram tão pesadas e tão precisas que numa área com 11 foxholes do 3º Batalhão, 8 receberam impactos diretos e os restantes receberam estilhaços. Além disso, as árvores aumentavam muito a eficácia da artilharia alemã. Os estilhaços de troncos de árvores, criados pelas granadas de artilharia ao explodir nelas, também eram letais. Por volta das 15:00 h, Kemp cancelou o ataque.

Os homens estavam cansados e insones e seus nervos estavam a ponto de estourar. E embora Lanham solicitasse o cancelamento da ordem de ataque, ela foi confirmada (Barton ainda sugeriu um ataque noturno). Ao todo, 9 batalhões de artilharia, de calibres entre 105 mm e 240 mm (totalizando 108 peças de artilharia) foram postos à disposição do regimento para martelar os alemães em Grosshau. Barton precisava que o 22º RI melhorasse suas posições e aguardasse que o 12º RI e a 5ª DB entrassem em linha ao sul antes de atacar de novo.

A 27/11/44, a 353ª Divisão de Infantaria alemã substituiu os remanescentes da 344ª. Essa era a segunda temporada da 353ª em Hurtgen, já que ela havia sido substituída pela 275ª no início de outubro.

Durante dois dias, o 1º Batalhão lutou para fechar a brecha entre os 2º e 3º batalhões. Após sofrer baixas pesadas (sendo alvejada, inclusive, por um Panzer IV que havia feito um buraco na parede de uma construção nas cercanias de Grosshau), uma companhia ficou com apenas cerca de 20 homens. O combate impiedoso só teve uma trégua quando um médico alemão ajudou um americano ferido a voltar para as suas linhas. O americano só conseguiu avançar devido a um ato de heroísmo: o soldado de 1ª classe Marcario Garcia (mexicano de nascimento), um líder de esquadrão que começara a batalha como recruta, assaltou sozinho dois embasamentos de metralhadoras inimigas. Embora seriamente ferido, ele se recusou a ser evacuado e por sua própria iniciativa avançou sozinho até que atingiu uma posição próxima a um embasamento inimigo. Lançando granadas de mão, ele assaltou galantemente a posição, destruiu a arma e matou três dos inimigos que tentavam escapar. Quando ele retornou para a sua companhia, uma segunda metralhadora abriu fogo e novamente o soldado avançou para ela. Ele assaltou a posição e destruiu a arma, matou mais três alemães e capturou quatro. Os sobreviventes da companhia adiantaram-se e ocuparam a floresta logo a oeste de

Grosshau e se entrincheiraram. Garcia continuou a combater com a sua unidade até que ela atingiu o seu objetivo e só então consentiu em ser evacuado para receber cuidados médicos. Sua bravura lhe rendeu uma Medalha de Honra do Congresso.

Tudo levava a crer que os poucos remanescentes seriam contra-atacados. Lanham ordenou que o terreno fosse mantido a qualquer custo. Os QGs do regimento e do batalhão fizeram todos os esforços para levar blindados e canhões anti-tanques para a frente, mas os tripulantes dos blindados não queriam avançar devido ao medo das minas nas estradas. Para provar para eles que a estrada estava limpa de minas, o Tenente William Jourdan, da Companhia Anti-Tanque do regimento, levou um meia-lagarta para a frente rebocando um canhão anti-tanque. Com isso, 4 tanques e 2 caça-tanques seguiram-no e tomaram lugar nos bosques.

Ao norte de Grosshau, havia uma linha de cristas dominada pela Cota 90, de onde os alemães podiam devassar todo o setor do 22º RI e cobrir Grosshau e os seus acessos. Desta crista, os americanos viviam sob constante observação e bombardeio. Ataques feitos separadamente pelos 12º e 22º RI encontraram resistência muito mais leve em comparação com a anteriormente encontrada.

As perdas para o dia foram novamente muito pesadas. Nessa noite, o Coronel Lanham informou que o estado do seu regimento havia decaído de “bom” para “razoável”. As companhias dizimadas agora recebiam missões de pelotões e os veteranos remanescentes eram encarregados de liderar os bisonhos recompletamentos.

Apesar de tudo, o 22º RI conseguiu capturar Grosshau por ataque frontal no dia seguinte, 29/11/44, após um duro combate. Era então o 14º dia da batalha e Grosshau havia sido o objetivo da divisão para o 2º dia. Os 250 alemães ali capturados provinham de quatro divisões, oito regimentos e quarenta e sete companhias inimigas.

O próximo objetivo do 22º RI era a região arborizada entre Grosshau e Gey, o último obstáculo na Floresta de Hurtgen antes da planície do Roer.

A 30/11/44, o CCA da 5ª DB foi anexado à 4ª DI. Lanham ordenou que os 2º e 3º Batalhões atacassem para nordeste na margem das florestas diante de Gey e que o 46º Batalhão de Infantaria Blindada, pertencente ao CCA da 5ª DB mas temporariamente anexado ao 22º RI, atacasse à direita do 2º Batalhão, na direção da Cota 401.5. Essa manobra iria fechar a brecha entre o 22º RI e o CCR da 5ª Divisão Blindada em Kleinhau.

Na manhã de 30/11/44, o 3º Batalhão começou o seu avanço em direção à linha de árvores diante de Gey, com duas companhias e 14 blindados.

Apesar da coordenação de infantaria e blindados ter sido péssima (4 soldados foram atingidos pelos seus próprios tanques), o ataque progrediu, atraindo feroz reação da artilharia alemã, que dessa vez visava principalmente aos blindados. Quando o 3º Batalhão atingiu a orla da floresta, ele passou a dominar o terreno ao sul da cidade.

O ataque do 2º Batalhão teve muito mais dificuldades. Ele tinha que avançar mais de 700 metros de terreno aberto a leste de Grosshau, entrar na floresta e continuar na direção de Gey. Após percorrer cerca de 300 metros, o céu desabou sobre as cabeças dos soldados. Estando sob total observação alemã, eles foram alvejados com metralhadoras e artilharia pesada, inclusive com granadas com detonador de tempo, que explodiam a cerca de 10 metros do solo, espalhando seus mortíferos estilhaços sobre a infantaria desprotegida. Os homens, ainda assim, avançaram, saltando de um buraco de granada para outro.

Quando as duas companhias de assalto atingiram a margem da floresta, elas tinham entre si apenas 1 oficial e menos de 100 soldados. Eles então recuaram cerca de 300 metros para uma trincheira alemã capturada. Com isso, o avanço do 2º Batalhão nesse dia limitou-se a cerca de 450 metros.

O 46º Batalhão de Infantaria Blindada perdeu 50% de sua força tentando atingir a sua linha de partida diante da Cota 401.5. Os alemães postados na crista virtualmente detiveram o ataque antes mesmo que ele começasse.

A 01/12/44, o 1º Batalhão recebeu uma dupla missão: atacar a sudeste através do terreno aberto e então se mover através das florestas e flanquear os alemães diante dos 2º e 46º Batalhões. Com a primeira fase concluída, o 1º Batalhão poderia pivotar para a esquerda, atacar para o nordeste e assim emparelhar com o 3º Batalhão. O Major Goforth planejou uma preparação de artilharia, juntamente com uma finta do 2º Batalhão e uma cortina de fumaça.

Ventos favoráveis levaram a fumaça através do terreno aberto, ajudando a encobrir os movimentos do 1º Batalhão. Um pelotão de tanques apoiaria a companhia de assalto, mas, uma vez mais, a densa vegetação impediu a participação dos blindados na batalha.

O ataque de flanco surpreendeu os alemães. As primeiras tropas atravessaram o campo sem serem detectadas e invadiram um PC de batalhão.

O 1º Batalhão realizou então o giro para nordeste e avançou sem muita oposição até a margem norte do arvoredo.

Apesar do sucesso do 1º Batalhão, o 2º ainda tinha que atacar para atingir seu objetivo que estava a cerca de 300 metros dentro da floresta. Ele despachou uma força de 30 homens, mas ela

perdeu-se e foi emboscada. Apenas 4 homens retornaram. Ao fim do dia, o efetivo do batalhão era de apenas 124 homens.

Durante essa noite, os inexperientes soldados do batalhão, ao cortar árvores para construir os abrigos e abrir espaço para os foxholes, gritavam "Timber!" (Madeira!), atraindo então fogo de morteiros que causou mais algumas baixas. Os novos oficiais e soldados cometiam erros primários que provocaram baixas desnecessárias mesmo contra pouca resistência.

Lanham sabia que seu regimento era agora uma pálida sombra de seu poderio original e que agora podia entrar em colapso a qualquer momento. Mesmo as suas unidades de apoio estavam muito desfalcadas, pois as duas companhias de tanques e a de caça-tanques, juntas, somavam apenas 11 tanques e 5 caça-tanques. Em uma conversa com os comandantes da 4ª DI e da 5ª DB, Lanham solicitou o adiamento do ataque programado para 02/12/44. Mas o comando do 7º Corpo confirmou a ordem de ataque.

Nesse mesmo dia (01/12/44), na frente do 8º RI, o cabo James R. Flannigan, operador de rádio de um grupo de observação avançado do 29º Batalhão de Artilharia de Campanha, acompanhava uma companhia de infantaria quando ela se viu cercada. Flannigan foi voluntário para levar uma mensagem através das linhas inimigas, matando um alemão e capturando outro durante o arriscado trajeto até o Posto de Comando do Batalhão. Por seu notável desempenho nessa missão, ele recebeu a Cruz de Serviços Distintos.

Sem ter mais infantantes disponíveis, Lanham usou soldados de apoio, da companhia anti-tanque e do QG regimental para estabelecer uma reserva. Ele planejou enviar uma força-tarefa dos 1º e 3º Batalhões para limpar a frente do 2º Batalhão, fazendo este avançar e ligar-se ao 1º, mas um contra-ataque alemão antes do nascer do sol atingiu em cheio a junção entre os 1º e 3º Batalhões, detendo a manobra antes mesmo que ela começasse. Os alemães penetraram na retaguarda americana e cercaram o Posto de Comando de uma companhia.

Pelas próximas três horas, o regimento fez tudo o que podia para deter a penetração alemã. O inimigo havia retomado a Cota 382.5, localizada a nordeste de Grosshau, e pelas 8:15 h dois comandantes de batalhão, Major Goforth e Major Kemp, informavam que os alemães estavam se aproximando de seus postos de comando. Lanham ordenou que eles se mantivessem onde estavam, pois a ajuda estava a caminho.

O 3º Batalhão, porém, tirou vantagem do ataque inimigo. Agora eram os americanos que estavam em posições defensivas e os alemães é que se expunham ao seu fogo. Os americanos selaram

ambos os flancos da penetração e os alemães tiveram a sua linha de retirada cortada. Quando o Major Kemp pediu concentrações de artilharia entre Gey e a linha de árvores, 60 alemães morreram ou se renderam, dos quais apenas 3 ilesos. O General Barton reconhecia agora os problemas de Lanham. Ele informou ao General Collins, comandante do 7º Corpo, sobre o contra-ataque alemão e recomendou que elementos da 83ª DI substituíssem o 22º RI imediatamente.

Embora o regimento permanecesse com um efetivo acima de 75% do nominal, o cerne do regimento estava liquidado. Havia restado poucos soldados nos esquadrões a quem pudesse subordinar os sobreviventes e recrutas novatos para cumprir a missão do regimento. A única coisa que impedia que todo o regimento entrasse em colapso e debandassem eram os poucos líderes veteranos que restavam.

Mais tarde nesse dia, o 2º Batalhão atingiu seu objetivo ao lado do 1º Batalhão. Os alemães haviam recuado.

Contudo, um novo contra-ataque se iniciou às 8:45 h de 03/12/44 e logo os alemães começaram a envolver a posição de uma companhia. As artilharias alemã e americana regavam o local com suas granadas, mantendo os americanos em seus foxholes e impedindo os alemães de receberem reforços. Contudo, através da atuação de elementos diversos do batalhão, pelas 12:45 h, os americanos haviam recuperado o terreno perdido. Esse ataque, embora sério, não afetou a programação de substituição. Nem tampouco um ataque aéreo realizado por cerca de 30 aviões alemães, metralhando estradas no setor da 4ª Divisão. O 330º Regimento de Infantaria (83ª DI) assumiu então setor do 22º RI.

Entre 07/11/44 e 03/12/44, a 4ª Divisão de Infantaria perdeu mais de 7.000 homens. Uma companhia que havia começado a batalha com um efetivo de 162 homens havia perdido 287 ao fim dela. A 4ª DI havia combatido e derrotado elementos de 25 unidades alemãs, entre regimentos e batalhões. Não há dados confiáveis das baixas alemãs, mas podemos conjecturar que foram tão ou mais altas que as americanas. As companhias alemãs sofreram o mesmo destino das americanas, mas faltava-lhes a capacidade de regeneração e foram tragadas pelo inferno de Hurtgen. Quando a organização alemã colapsava, ao invés de se retirar, os soldados alemães rendiam-se. Muitos dos prisioneiros caminharam até as linhas americanas ou esperaram até que os GIs chegassem ao topo de suas posições para se render. A 4ª DI combateu seu caminho através de florestas praticamente sem apoio, em uma batalha de atrito, contra elementos de quatro divisões alemãs. Embora o 22º RI tenha sofrido mais baixas

que qualquer outro regimento em Hurtgen (2.714, ou 87% de seu efetivo nominal), ele não perdeu nenhum terreno que não recuperasse imediatamente.



A 8ª DI Entra em Cena

A 8ª Divisão de Infantaria, do Major-General Donald A. Stroh, substituiu a 28ª DI a 19/11/44 na área de Vossenack-Schmidt. A 8ª DI (conhecida como a "Divisão Flecha Dourada") era uma unidade do Exército regular ativada a 01/07/40. Ela havia desembarcado na França a 03/07/44 e abriu caminho à força pelos bocages até a ruptura na frente da Normandia, participando dos frenéticos avanços do 3º Exército do General Patton e da conquista da Bretanha. Foi então completamente reconstituída e levada até a fronteira alemã. Ela estava descansada e com efetivos completos e foi então escolhida para ser a ponta-de-lança de um novo ataque a ser realizado pelo 5º Corpo, para ajudar a 4ª DI. O CCR da 5ª Divisão Blindada, o 709º Batalhão de Tanques, os 644º e 893º Batalhões de Caça-Tanques, o 12º Batalhão de Engenharia de Combate e o 86º Batalhão Químico foram anexados à divisão. Estaria disponível também o 2º Batalhão de Rangers.



M10 do 893º Batalhão de Caça-Tanques atravessa a Floresta de Hurtgen.

O plano prescrevia que um regimento de infantaria reforçado iria penetrar na floresta de Hurtgen e atingir a crista Hurtgen-Kleinhau, ponto-chave das

defesas alemãs a oeste de Düren e da planície de Colônia. Era preciso conquistar a floresta nos dois lados da Estrada Nº 12 (Germeter-Hurtgen), permitindo assim ao CCR da 5ª Divisão Blindada avançar para capturar as cidades de Hurtgen e Kleinhau. A infantaria então ocuparia ambas as cidades e a cota entre elas.

Essas operações seriam fortemente apoiadas pelo ar e acompanhadas por ataques feitos pela 4ª DI, na área do 7º Corpo.

Contudo, o regimento escolhido para iniciar o ataque, o 121º, do Coronel John R. Jeter, ainda não havia chegado ao local. O 121º chegou ao seu ponto de partida em caminhões abertos, debaixo de chuva e muito frio. Os seus últimos elementos só chegaram poucas horas antes do amanhecer de 21/11/44 e esperava-se que eles atacassem às 9:00 da manhã daquele dia. Para tornar as coisas ainda piores, as tropas marcharam mais de 11 quilômetros debaixo de bombardeio alemão e caminhando numa floresta desconhecida e à noite.

Diante da 8ª DI estava o Kampfgruppe Wegelein (depois Weinen), então parte da 344ª DI alemã (que estava assumindo o setor naquele mesmo dia), além de elementos do 985º RI (275ª DI) e do 1056º RI (89ª DI).

O 121º RI atacou no local onde os alemães haviam detido anteriormente a 28ª DI. Ele teve um forte apoio de artilharia (participaram dessa fase quase toda a artilharia divisional, com exceção de um batalhão, e vários batalhões independentes, incluindo o 18º de foguetes). Mas, o bombardeio preliminar causou pouco estrago e só serviu para alertar os defensores de que um ataque estava em andamento.

Atacando com três batalhões alinhados, o 121º RI imediatamente encontrou forte resistência, principalmente pela artilharia inimiga. As grossas árvores escondiam minas anti-pessoal e bunkers com armas automáticas. Havia arame farpado, árvores derrubadas e galhos, lama, chuva e um terreno muito acidentado, o que restringia o campo de visão e fazia de qualquer movimento, mesmo sem estar sob fogo inimigo, um teste de resistência.

O progresso foi difícil. Somente o 3º Batalhão, no flanco direito, chegou perto de seu objetivo no primeiro dia. O 1º Batalhão, no centro, fez somente pequenos avanços e o 2º Batalhão não conseguiu ganho algum. As baixas, principalmente por minas e *shrapnel*, foram incomumente pesadas.

O dia foi para heroísmos. O Sargento John W. Minick conseguiu abrir uma trilha em um campo minado coberto de arame farpado. Ele pessoalmente rechaçou um grupo de alemães, matando vinte deles e capturando alguns mais. Depois, ele pôs fora de combate um ninho de metralhadora. Ao tentar encontrar uma trilha em outro campo

minado, pisou numa mina e morreu. Foi agraciado postumamente com a Medalha de Honra do Congresso.

A 24/11/44, o 121º RI voltou ao ataque. Exceto por pequenos ganhos nas frentes dos 2º e 3º Batalhões, não houve nenhum progresso. Em quatro dias de batalha, a 8ª DI sofreu 600 baixas em combate.

O fracasso cobrou seu preço: o comandante regimental, Coronel Jeter, e o comandante do 2º Batalhão, Tenente-Coronel James E. Casey, foram destituídos. O Tenente-Coronel Robert M. Jones, comandante do 1º Batalhão, foi ferido e evacuado. O Coronel Thomas J. Cross, Chefe do Estado-Maior da divisão, assumiu o comando do regimento.

Enquanto isso, a 4ª DI, no flanco esquerdo, havia conseguido progredir razoavelmente, ficando em condições de apoiar o 121º RI. Pelo final da tarde, porém, a situação ainda não era satisfatória para empenhar o CCR da 5ª DB, pois era essencial conquistar a margem da floresta para que as estradas Germeter-Hurtgen pudesse ser limpa de minas e obstáculos. Porém, reforços alemães estavam chegando ao local e era necessário atacar sem demora. Decidiu-se então iniciar o ataque blindado na manhã de 25/11/44 e, para isso, pelo menos três companhias avançariam junto à estrada durante a noite, para que ela pudesse ser assegurada para os tanques.



Tanque M4 Sherman. Os blindados tiveram dificuldade em apoiar a infantaria durante toda a batalha devido ao terreno e às poucas estradas.

Uma forte concentração de artilharia apoiou o ataque. Os homens do 1171º Grupo de Engenharia foram enviados à frente para remover minas e construir uma ponte sobre uma cratera para a

passagem dos blindados, mas ela só ficou pronta ao entardecer, sempre debaixo do fogo da artilharia alemã. Os tanques finalmente puderam passar, mas só até o primeiro bater numa mina e ficar imobilizado, bloqueando a trilha.

Mal iniciaram o ataque, quatro tanques foram imediatamente destruídos, bloqueando completamente a única estrada que podia ser usada por blindados. A infantaria blindada, tentando avançar ao longo da estrada de Hurtgen, foi rechaçada. O ataque havia sido esmagado antes mesmo de começar.

Enquanto esteve anexado à 8ª DI, o CCR da 5ª DB enfrentou terríveis dificuldades na batalha por Hurtgen. As poucas estradas, o terreno encharcado, as minas e os obstáculos faziam o movimento de blindados ser quase impossível e o fogo contínuo de morteiros, artilharia e as minas antipessoal prejudicavam o movimento dos soldados a pé. O 47º Batalhão de Infantaria Blindada e o 22º Batalhão de Engenharia Blindada sofreram muitas baixas, bem como comandantes de tanques que tombaram pela ação de atiradores e de granadas de artilharia com detonador de tempo.

O 1º Batalhão do 13º RI uniu-se aos 2º e 3º Batalhões do 121º RI, visando realizar um gancho pela esquerda, e o ataque começou às 7:00 h de 27/11/44. Quase toda a artilharia divisional novamente participou da preparação inicial, com concentrações em apoio às unidades de infantaria. Os M10 da Companhia "C" do 644º Batalhão de Caça-Tanques também apoiaram a ação.

A despeito dos tremendos esforços realizados pelo 1º Batalhão do 13º Regimento para atingir a Cota 401 e assegurar a estrada Hurtgen-Kleinhau, a decidida resistência alemã continuava a frustrar os americanos.

Pelo entardecer, o 3º Batalhão havia conseguido romper através das florestas restantes a oeste de Hurtgen. O 2º Batalhão, apoiado por um pelotão de Shermans do 709º Batalhão de Tanques, havia avançado para a borda sul da cidade.

Na manhã seguinte, o 1º Batalhão do 13º RI, reforçado por uma companhia do 644º Batalhão de Caça-Tanques, rapidamente atingiu a estrada Kleinhau-Brandenburg a leste de Hurtgen e então organizou posições defensivas.

Quando elementos do 121º RI, esperando pouca ou nenhuma resistência, tentaram entrar em Hurtgen do oeste, foram recepcionados por pesado fogo de metralhadoras e foram detidos. O comando do regimento reorganizou o ataque e planejou tomar a cidade por um assalto direto.

Às 8:00 h, o 2º Batalhão do 121º RI e uma Companhia do 13º RI, apoiados de perto pelos Shermans do 709º Batalhão de Tanques, abriu caminho à força para Hurtgen do nordeste. O 1º Batalhão fechava do sudoeste.

A infantaria montada nos blindados invadiu a cidade e conquistou casa por casa, expulsando os alemães dos porões e ruínas em ferozes combates corpo-a-corpo. Uma vez fora da tão amaldiçoada floresta, os homens partiram como loucos para a batalha. Eles correram, atacaram de uma edificação para outra, atirando, lançando granadas de mão e realizando cargas de baioneta. Construções ardiam, enquanto salvas de granadas de artilharia e morteiros explodiam. Mortos e feridos, com uniformes de ambos os lados, ficavam estirados em grotescas posições por toda parte. Hurtgen afinal caiu à tarde. Os americanos arrebanharam 350 prisioneiros. O esperado contra-ataque veio ao entardecer e foi repellido, com pesadas baixas para os germânicos.



Coluna de prisioneiros alemães.

Assim, a 28/11/44, a 8ª DI conquistou Hurtgen. Lamentavelmente, o General Stroh não estava presente na ocasião. Havia sido retirado para um necessário descanso. Era um veterano da campanha da África do Norte e havia visto seu filho morrer pilotando um caça-bombardeiro em apoio à sua divisão. O ex-assistente do comandante da 90ª Divisão, General de Brigada William G. Weaver, assumiu o comando divisional.

No dia seguinte, a 8ª DI e a 5ª DB atacaram Kleinhau. O tempo limpou, o que permitiu que os aviões bombardeassem a cidade. O ataque começou às 7:00 h e, pelo fim da tarde, o CCR informou que havia tomado a cidade. Os alemães defenderam-se tenazmente, mantendo-se em porões e áreas arborizadas mesmo quando os blindados já haviam passado por eles. Durante a noite, o 1º Batalhão do 13º RI assumiu a missão de limpar a cidade e o terreno elevado. No dia seguinte, homens do 13º RI erradicaram os bolsões inimigos remanescentes.

As perdas, porém, foram pesadas. Os nove dias de batalha por Hurtgen e Kleinhau custaram aos americanos 1.247 baixas (962 só no 121º Regi-

mento). Estima-se que os alemães sofreram mais baixas, pois só de prisioneiros foram 882.

O 121º RI recebeu ordens para continuar o ataque para leste, expulsando o inimigo das florestas a leste da estrada Kleinhau-Brandenburg. Elementos do 28º RI avançariam para o sudeste, na direção de Brandenburg.

O ataque teve início às 7:30 h, de 01/12/44. A ação de flanqueio do 1º Batalhão do 13º RI pegou o inimigo de surpresa e a resistência foi escassa. À tarde, as florestas no seu setor, a sudeste de Kleinhau, estavam limpas de inimigos. Os 2º e 3º Batalhões do 121º RI esbarraram em um fogo concentrado de armas leves vindo de bunkers de concreto, fazendo apenas ligeiros avanços.

Apesar de encontrar pesada resistência, o 28º RI conseguiu realizar um notável progresso nesse dia. O 3º Batalhão atingiu a estrada Kleinhau-Brandenburg rapidamente e continuou a lutar através das florestas a leste dela. O 1º Batalhão avançou até a extremidade nordeste de Vossenack, limpando as casas remanescentes. O 2º Batalhão, tentando avançar para sudeste, foi detido por um ponto-forte inimigo depois de avançar somente algumas centenas de metros.

No dia seguinte (02/12/44), o ataque foi retomado, mas os fortes contra-ataques inimigos contra a 4ª DI, imediatamente ao norte de Kleinhau, forçaram essa divisão a passar para a defensiva. Consequentemente, as defesas do flanco norte da 8ª DI tiveram que ser reforçadas para lidar com qualquer ataque que o inimigo pudesse montar nessa área.

O CCR da 5ª DB começou a mover-se pela estrada Kleinhau-Brandenburg às 7:30 h, mas foi detido no meio do caminho entre as duas cidades por canhões anti-tanques, minas e artilharia.

O fogo constante da artilharia inimiga obrigou os engenheiros a realizar o trabalho de limpeza de minas somente à noite.

O ataque do dia 03/12/44 foi um modelo de cooperação entre armas. Operações coordenadas entre o 13º RI, o CCR da 5ª Divisão Blindada e os P-38 "Lightning" do 474º Grupo de Caça (este utilizando bombas de napalm) foram bem-sucedidas. Após um bombardeio pela artilharia divisional que durou toda a noite, os americanos conquistaram a cidade, tomando aproximadamente 300 prisioneiros e infligindo pesadas baixas ao inimigo. Um contra-ataque inimigo foi repellido durante o entardecer.

O CCR foi então mandado para sondar a frente na direção de Bergstein, a sudeste de Brandenburg, e reconheceu o terreno até a cerca de um quilômetro a leste da cidade. A devastada vila de Bergstein fica a 1,5 Km a oeste e ligeiramente ao norte da junção dos rios Kall e Roer. A área é dominada pelo abrupto pico da Cota 400, na mar-

gem leste da cidade.

A Luftwaffe conseguiu realizar uma considerável atividade no setor da 8ª DI durante o entardecer. Aviões alemães, tomando vantagem do mau tempo que manteve os aviões aliados em terra, metralharam posições e os Postos de Comando da Divisão em Rott e Roetgen, com poucos resultados. Dos 60 aviões inimigos que sobrevoaram os setores dos 5º e 7º Corpos, 18 foram abatidos.

A posse das duas cidadezinhas deu aos americanos o controle de um considerável segmento da única boa rede de estradas entre a Floresta de Hurtgen e as represas do Roer, além das elevações de Brandenburg-Bergstein, o terreno dominante na região, permitindo não apenas o ataque do 5º Corpo às represas, como assegurando um flanco meridional seguro ao 7º Corpo.

O CCR, apoiado pela aviação, rumou para sudeste a partir de Brandenburg às 14:00 h do dia 05/12/44 e capturou a maior parte de Bergstein. Atacando em conjunção com o CCR, o 1º Batalhão do 121º RI, à esquerda, e o 3º Batalhão do 28º RI, à direita, também progrediram na direção de Bergstein.

Às 7:30 h de 06/12/44, um grande contra-ataque inimigo atingiu o 3º Batalhão do 28º RI e o CCR em Bergstein. O ataque veio inicialmente do sul, depois do sudoeste e então do sudeste. Aproximadamente 300 soldados do 980º Regimento de Infantaria alemão realizaram o ataque, apoiados por pelo menos cinco canhões autopropulsados. Os americanos mantiveram suas armas silenciosas enquanto os soldados inimigos se aproximavam através do terreno aberto. Então, quando os alemães estavam a cerca de 25 metros das posições do 3º Batalhão, os americanos abriram fogo. A chuva de projéteis atingiu os alemães por todos os lados e, quando eles começaram a entrar em pânico, a artilharia americana entrou em ação, pegando os atacantes em terreno aberto e sem qualquer proteção. O ataque alemão havia sido rechaçado com pesadas baixas. Outros dois contra-ataques foram igualmente repellidos, um pouco antes do meio-dia e outro às 14:00 h.

Por sua coragem e desempenho excepcional na Floresta de Hurtgen durante os cinco últimos dias, o 3º Batalhão do 28º Regimento de Infantaria recebeu a "Distinguished Unit Badge".

A maior parte dos objetivos da divisão havia sido conquistada e então ordens foram emitidas para fazer o melhor uso defensivo do terreno em seu poder (com armas, minas, armadilhas e outros obstáculos) e manter as linhas com a menor quantidade possível de homens. Isso permitiu a cada regimento manter um batalhão em reserva.

A 8ª Divisão de Infantaria havia liderado o ataque do 5º Corpo e conseguido romper as até então inexpugnáveis defesas da Floresta de Hurtgen.

Embora o mérito seja inegavelmente do 121º RI, os 13º e 28º Regimentos também tiveram sua cota de sofrimentos. No início de dezembro, porém, a divisão estava esgotada. Os homens estavam fisicamente exaustos, estavam combatendo sem descanso e sem dormir havia vários dias, sofrendo com a chuva e o frio, às vezes sem qualquer proteção contra as intempéries (alguns tinham as mãos tão entorpecidas que precisavam ajudar uns aos outros com o equipamento). Houve casos de homens que descartaram seus sobretudos por não terem mais forças para usá-los. Muitos tinham pé-de-trincheira, todos estavam resfriados ou pior, além de sofrerem de diarreia. As ações da divisão limitaram-se então a reduzir bolsões de resistência alemães, o que foi completado a 28/12/44.

A 16/12/44, o CCR atingiu a margem do Roer. Também nesse dia, começou a “Batalha das Ardenas”. Foram suspensas todas as operações na Floresta de Hurtgen e a 8ª DI manteve-se em posições defensivas durante toda essa batalha.



Os “Rangers” Entram em Ação

O 2º Batalhão de Rangers, do Tenente-Coronel James E. Rudder, foi encarregado de capturar a “Crista do Castelo”, ou Cota 400. Essa unidade havia combatido na praia de Omaha no “Dia-D” (essa é a unidade do Tom Hanks em “O Resgate do Soldado Ryan”) e havia combatido custosas batalhas desde a Normandia. E embora o batalhão já tivesse acumulado 100% de baixas, o núcleo de veteranos que haviam desembarcado na Normandia ainda existia.

Os “rangers” moveram-se para a base da crista sob a cobertura da escuridão, prontos para fazer uma carga de baioneta às primeiras luzes da manhã. Então, às 3:30 h da manhã de 07/12/44, eles atacaram, gritando e disparando suas armas do quadril. Os alemães foram pegos de surpresa e, como disse um “ranger”, “embora fossem bons, não eram bons o suficiente”.

Quando os americanos atingiram o topo da colina, foram alvejados pela artilharia alemã – que estava disparando contra as suas próprias posições. Um sargento teve a trágica experiência de ver dois irmãos morrendo em seus braços no intervalo de uma hora.

Mas os alemães não haviam desistido da crista. Pelas 9:30 h, começou o primeiro de cinco contra-ataques que eles lançariam nesse dia. Eles usaram metralhadoras, fuzis, canhões sem recuo e granadas de mão. Houve diversos combates corpo-a-corpo no alto da crista, freqüentemente com

baionetas.

O Marechal-de-Campo Model ofereceu Cruzes de Ferro (a famosa condecoração alemã) e duas semanas de licença a todos os homens que retomassem a crista. Os americanos estavam em desvantagem numérica de 10 para 1, sem proteção e sob contínuo bombardeio.

Um veterano da Normandia declararia mais tarde que o “mais longo dos dias” para ele não havia sido o “Dia-D”, mas o dia 07/12/44, na Cota 400.

Como o efetivo dos “rangers” começasse a diminuir e a munição a escassear, foi a vez da artilharia salvar o dia. Durante a noite, transportadores levando munição atingiram o cume da crista e evacuaram os feridos. Das três companhias que haviam capturado a crista, restavam apenas 5 oficiais e 86 soldados.

Logo após o amanhecer, os alemães bombardearam a crista com tal intensidade que a explosão de uma granada cobria o som da que vinha a seguir. Mas quando os alemães atacaram com infantaria, a combinação de artilharia e do fogo das armas leves os repeliu mais uma vez. Mais tarde nesse dia (08/12/44), o 3º Batalhão do 13º RI substituiu os “rangers”.

O 2º Batalhão de Rangers havia sofrido 90% de baixas e teve que novamente ser reconstituído com muito poucos dos seus membros originais.



A 83ª DI Limpa a Margem do Roer

A 83ª DI, do Major-General Robert C. Macon, substituiu a 4ª DI a 07/12/44. Esta era uma divisão da reserva que foi ativada a 15/08/42 e desembarcou na Normandia a 19/06/44. Desde então, participou de duros combates através da França e chegou a Hurtgen como tropa experimentada. Em 05/12/44, a “Thunderbolt Division” (Divisão Raio), deixou as suas posições no vale do rio Mosela e, após viajar de caminhão por 6 horas numa temperatura congelante, chegou a Gressenich (Alemanha) às 19:00 h. Na manhã do dia 7, o 331º RI moveu-se para substituir o cansado 12º RI. Os alemães logo souberam da chegada da nova divisão e lançaram-lhe folhetos com granadas de artilharia. O texto dizia:

“Bem-vindos homens da 83ª Divisão de Infantaria. Bem, rapazes, as coisas estavam indo maravilhosamente bem no passado. A vida era tão bela e tranqüila na área de Tréves, que vocês dificilmente percebiam que havia uma guerra em andamento, enquanto vocês enchiam suas gordas barrigas com boa comida e sonhavam com um rápido retorno para suas amadas nos EUA. Agora, al-

gum ‘velho chapéu de aço’⁷ deu para vocês um maldito presente de Natal, transferindo vocês para o famoso setor de Aachen, onde o combate é mais duro que em qualquer outro lugar. Aqui tudo são florestas – e elas são frias, escorregadias e perigosas e a morte está sempre aguardando por trás de cada árvore. O combate nas florestas é infernal. As 28ª e 4ª Divisões já tiveram suas experiências, agora é a sua vez. É melhor você escrever uma última carta para sua amada enquanto você ainda está bem. Amanhã pode ser tarde demais, a menos que você tenha a boa sorte de tornar-se um prisioneiro de guerra”.

A floresta era então defendida por elementos de três divisões veteranas: a 47ª de *Volksgrnadier*, a 353ª de Infantaria e a 3ª de *Fallschirmjäger* (Pára-Quedistas).

O primeiro objetivo da divisão era Gey, uma estratégica cidade localizada nos arredores da Floresta de Hurtgen. Situada em um vale através do qual todas as estradas da floresta se encontram, Gey era um ponto vital da linha de defesa alemã. Ela era fortificada para proteger os acessos a Düren e os alemães estavam determinados a manter a cidade. Eles haviam estabelecido vários pontos fortes complexos, com metralhadoras pesadas dentro de bunkers e casamatas. Arame farpado foi espalhado e foram colocados obstáculos em ruas e estradas. Cada casa era um arsenal, com munição estocada. Os acessos foram dotados de campos minados e havia “booby traps”⁸ em toda parte. A cidade foi completamente devastada por fogo de artilharia, cada árvore foi destruída, cada construção danificada ou arrasada, oferecendo excelentes posições defensivas. Ruínas e corpos de animais e homens espalhavam-se nos campos e nas ruas. O tempo não ajudava, pois as condições atmosféricas eram miseráveis. Uma chuva gelada e um frio congelante entorpeciam os homens da 83ª DI.

Em 09/12/44, em preparação para o assalto da manhã seguinte, os sapadores do regimento localizaram e demarcaram campos minados e fizeram tentativas para reparar as deterioradas estradas que levavam à cidade.

O ataque seria efetuado pelo 331º RI, apoiado pelo 774º Batalhão de Tanques, 629º Batalhão de Caça-Tanques e 908º Batalhão de Artilharia.

Às 5:00 h do dia 10/12/44, pouco antes do amanhecer, o 2º Batalhão lançou o seu ataque a Gey. Os atacantes foram imediatamente recebidos por fogo de armas portáteis, morteiros e artilharia. Os homens avançaram até o centro na cidade, ocupando as casas de ambos os lados da rua princi-

pal. O fogo de artilharia alemão aumentou de intensidade durante o dia e muitos homens foram atingidos por *shrapnel*. Eles tiveram que limpar as casas uma por uma. Ao cair da noite, o 2º Batalhão havia capturado um terço da cidade e 36 prisioneiros, perdendo 52 dos seus.

Mais ao sul, o 330º RI atacava e conquistava Strass.

Durante a noite, os americanos esperaram por um contra-ataque alemão que não veio. Ao invés disso, uma pesada concentração de morteiros e artilharia caiu sobre eles. Às 6:30 h da manhã seguinte, os Shermans do 774º Batalhão tentaram entrar na cidade para apoiar o 2º Batalhão, mas as estradas estavam intensamente minadas e seu avanço foi detido. Uma companhia veio do sul, enquanto outra flanqueou a cidade e atacou a partir do leste. Depois de um intenso combate de casa em casa, constantemente prejudicados por minas e armadilhas, os americanos asseguraram a porção sul da cidade. O combate se estendeu por todo o dia e toda a noite e, no início da manhã seguinte, o 3º Batalhão foi engajado para substituir o cansado 2º Batalhão. A 13/12/44, uma companhia do 1º Batalhão atacou do leste e no início da tarde informou que a resistência alemã na cidade havia cessado. Com a 5ª Divisão Blindada no sul, os 2º e 3º Batalhões mantendo as porções sul e oeste da cidade, o 1º Batalhão atacando do leste e envolvendo a cidade pelo norte, os alemães não tinham como escapar e se renderam. A batalha por Gey estava terminada. Mais 285 prisioneiros caíram nas mãos do 331º RI, que teve 265 baixas. Uma vez que Gey estava segura, o regimento continuou seu avanço para o leste, ocupando o terreno elevado que se interpunha entre ele e Düren, capturando as aldeias de Berzbuir e Lendersdorf.

Enquanto isso, o 329º RI também tinha trabalho a fazer. A 12/12/44, o regimento lançou o seu primeiro ataque na direção da margem da floresta de Hurtgen, visando cerrar sobre o Roer. O seu 1º Batalhão capturou Hof Hardt, enquanto o 2º limpava uma série de ninhos de metralhadora na mesma área. Nos próximos dois dias, o regimento assaltou as cidades de Gurzenich e Birgel. O ataque começou às 8:00 h e, após superar todas as dificuldades impostas pelo terreno e pela resistência alemã, o 2º Batalhão entrou em Gurzenich. O 1º Batalhão, porém, encontrou decidida oposição e foi detido durante a maior parte do dia, mas ao cair da noite chegava aos arredores de Gurzenich. O 3º Batalhão não foi tão feliz, encontrando forte resistência durante todo o dia e teve que tentar flanquear as posições inimigas. Durante a noite, o 308º Batalhão de Engenharia trabalhou incansavelmente na remoção de minas da estrada para permitir a passagem dos blindados. No

⁷ Referência jocosa a um capacete velho, ou seja, oficial de alta patente.

⁸ Armadilhas.

dia seguinte, o 3º Batalhão recebeu a missão de capturar a cidade de Birgel. Após atravessar as florestas na direção da cidade, o batalhão se viu diante de um campo aberto de cerca de 500 metros entre a margem da floresta e a cidade. Às 14:30 h, depois de uma intensa preparação de artilharia, o 3º Batalhão lançou-se ao ataque, sendo imediatamente recebido pelo fogo de armas leves e morteiros. Após um rápido avanço através do campo, o batalhão chegou aos arredores da cidade, enquanto o 2º Batalhão terminava a limpeza de Gurzenich. Depois de capturar grande número de prisioneiros, apenas uma pequena área a nordeste da cidade continuava em poder dos alemães, de onde eles lançaram um infrutífero contra-ataque. No dia 16/12/44, as cidades de Gurzenich e Birgel foram alvo de feroces contra-ataques alemães, que incluíam tanques, infantaria e artilharia, mas o 329º repeliu todos eles. No dia 17/12/44, os 1º e 2º Batalhões efetuaram um movimento de pinças sobre Rolsdorf e capturaram a cidade. No dia 18/12/44, a 83ª DI estabeleceu-se defensivamente e consolidou as suas posições, em face do início da Batalha das Ardenas, dois dias antes.



A 78ª DI Termina o Serviço

A 78ª DI, do Major-General Edwin P. Parker Jr., era uma divisão da reserva, ativada a 15/08/42. Ela havia desembarcado na França a 22/11/44 e chegou à Bélgica cinco dias depois. Ela estreou em combate a 10/12/44, quando o 1º Batalhão do seu 311º RI, então anexado à 8ª DI, efetuou um ataque limitado ao norte do rio Kall como ação diversiva ao esforço principal da divisão, que era o ataque na direção das represas do Roer, que começou a 13/12/44.

O ataque contra Schmidt teve um bom progresso, apesar de ser uma repetição do plano de ataque que falhara com a 28ª DI em novembro. Contudo, ele foi logo suspenso devido ao início da Ofensiva das Ardenas.

Em janeiro, com a batalha das Ardenas praticamente encerrada, os aliados voltaram-se novamente para as represas do Roer. A missão de capturá-las era ainda do 5º Corpo, sob o comando agora do General Clarence R. Huebner (Gero havia sido promovido ao comando do novo 15º Exército).

Huebner novamente deu a tarefa de capturar as represas à 78ª DI. Foram anexados a ela o 517º Regimento PQD, o 774º Batalhão de Tanques e o 893º Batalhão de Caça-Tanques. O plano previa um ataque convergente de dois eixos, um dos quais seria o mesmo percorrido pela malfadada

28ª DI. O outro era a partir de Bergstein, que ficaria a cargo do 517º RPQD. O objetivo era Schmidt e, mais além, a represa de Schwammenauel.

O 1º Exército e o 5º Corpo haviam dado absoluta prioridade a esse ataque. A 78ª Divisão seria apoiada por toda a artilharia divisional e de Corpo disponível e reforçada com o Comando de Combate "A" da 7ª Divisão Blindada e por toda a 9ª Divisão de Infantaria se necessário.

Por trás desse plano estava a decisão de Eisenhower de dar prioridade ao avanço do 21º Grupo-de-Exércitos britânico na primavera de 1945. Em apoio a ele, o 9º Exército americano lançaria um ataque através do rio Roer (a "Operação Grenade") a 10/02/45. Se os alemães mantivessem o controle das represas do Roer quando o 9º Exército atacasse, eles poderiam quase literalmente afogar os atacantes em uma súbita enchente. O 1º Exército teria que conquistar as represas e a 78ª DI teria apenas quatro dias para isso.

O ataque começou a 03/02/45: o 311º RI atravessou o Roer, enquanto os 309º e 310º RIs rumavam para Schmidt. Uma vez que os alemães não tinham mais a Cota 400, eles não podiam mais observar os movimentos dos americanos. Porém, o ataque principal contra Schmidt progredia lentamente, em função das minas nas estradas que levavam à cidade e que impediam a participação de blindados na batalha.

Finalmente, a 07/02/45, após uma maciça preparação de artilharia, o ataque ganhou terreno. O 309º RI capturou afinal Kommerscheidt, enquanto os 310º e 311º RIs atingiam o terreno elevado em torno de Schmidt e seus arredores.

Os tanques, transportando a infantaria, aproximaram-se então de Schmidt. A despeito da feroz resistência encontrada, ao cair da noite os americanos haviam ocupado a periferia da cidade, embora os alemães se mantivessem no centro. O 47º RI da 9ª DI, ao sul, capturou a represa de Urft. A 9ª DI assumiu então a tarefa de capturar a represa de Schwammenauel, sendo anexados a ela os 309º e 311º RIs. Schmidt caiu a 09/02/45⁹, depois de pesados combates, e o 309º RI afinal atingiu a represa às 23:00 h desse mesmo dia. Era o fim da Batalha da Floresta de Hurtgen.



A Hora e a Vez dos Pára-quadistas

O 517º RPQD, como vimos, foi anexado à 78ª DI para o ataque contra Schmidt. Esta unidade havia

⁹ Em seu livro, "Até Berlim", o General Gavin declara que a 82ª capturou Schmidt, o que é incorreto.

sido ativada a 15/03/43 como parte da 17ª Divisão Aeroterrestre, mas foi destacada e enviada para a Itália. Ela então participou da invasão do sul da França (“Operação Dragoon”) e combateu nas Ardenas anexada sucessivamente à 30ª DI, à 7ª DB, à 82ª DAet e à 106ª DI. Afinal, chegou a Bergstein a 04/02/45.

O 517º atacaria de Bergstein para o sul, no flanco esquerdo da 78ª DI, visando atingir a estrada Schmidt-Nideggen, cuja posse isolaria as forças alemãs em Schmidt. Foi para impedir isso que os alemães colocaram nessa área o veterano 6º Regimento PQD.

Os *Fallschirmjäger*s eram então as mais fortes das formações alemãs. Nesse estágio da guerra, poucos deles tinham treinamento de salto, mas eram todos jovens, robustos e prontos a morrer pelo *Führer*. Os homens do 517º RPQD estariam enfrentando a sua própria imagem num espelho.

Além disso, havia ainda os densos campos minados (invisíveis debaixo da neve acumulada do inverno) e obstáculos de arame farpado cobertos por metralhadoras bem posicionadas em casamatas de concreto e de troncos, com apoio de artilharia de todos os calibres, posicionada a leste do rio Roer.

Era uma situação que exigia uma maciça concentração de poder. Mas todo o poderio disponível foi destinado ao outro canto da arena, no ataque da 78ª DI. O 517º teria que lutar com armas leves, morteiros, canhões de 75 mm e coragem.



Homens do 517º RPQD marcham para o campo de batalha coberto de neve.

E ele atacou durante a noite de 05/02/45, com dois batalhões lado-a-lado. Seu único apoio de fogo era o 460º Batalhão de Artilharia Pára-Quedista, que estava posicionado perto de Kleinhau, com suas peças leves de 75 mm.

Os soldados tinham marcadores de plástico fluorescente na parte de trás de seus capacetes, o que permitia que cada homem, na escuridão,

seguisse o círculo branco no capacete do homem à sua frente.

A cerca de 500 metros além de Bergstein, ambos os batalhões atingiram campos minados e obstáculos de arame farpado. Os alemães lançaram foguetes luminosos no céu, abrindo fogo então com metralhadoras, morteiros e artilharia.

O 2º Batalhão deparou-se logo com campos minados e pediu artilharia. Tentando flanquear as resistências encontradas, os pára-quedistas caíram sob o fogo de metralhadoras vindo de bunkers camuflados.

O Capitão George Giuchici, comandante da Companhia “F”, decidiu envolver a resistência em sua frente, flanqueando pela direita. Às 2:30 h, o QG do Batalhão perdeu contato com Giuchici.

A companhia havia conseguido atravessar um campo minado, mas se dispersou na escuridão enquanto reconhecia uma trilha na montanha. O Capitão Giuchici e dois homens então se entrenchiraram para passar a noite. Ao amanhecer, foram alvejados pela sua própria artilharia e, pouco depois, capturaram um soldado alemão de aproximadamente 13 anos. Concluindo que não havia como escapar, se abrigaram numa cratera de bomba e aguardaram pelo resgate¹⁰. O restante da companhia, 15 a 20 homens, estava espalhado pela terra-de-ninguém. Vários foram capturados, mas a maioria conseguiu se safar, depois de um dia ou mais errando em um território infestado de minas e ocupado pelo inimigo.

À esquerda da trilha, o 3º Batalhão também encontrou campos minados e arame farpado sob fogo pesado. Também foi solicitada a artilharia, mas sem qualquer efeito prático.

Durante toda a noite, o campo de batalha foi iluminado pelos foguetes luminosos e pelo fogo das metralhadoras e das explosões. Todos os esforços para avançar provaram-se vãos. Pouco antes da alvorada, o ataque foi cancelado.

Durante dois dias, o 596º Batalhão de Engenharia foi encarregado de limpar um caminho no extenso campo minado (foi considerado o maior campo minado encontrado pelos aliados durante a 2ª Guerra Mundial) antes que os pára-quedistas tentassem de novo.

A 07/02/45, o 517º foi anexado novamente à legendária 82ª Divisão Aeroterrestre. Esta divisão foi ativada como uma divisão de infantaria da reserva a 25/03/42, mas foi selecionada para ser

¹⁰ Por dois dias e duas noites, o Capitão Giuchici, com seus dois homens (o jovem prisioneiro havia conseguido escapar), aguardaram na cratera de bomba pela chegada do 517º RPQD. Mas, a 08/02/45, o que chegou foi uma patrulha alemã, guiada pelo seu ex-cativo (enquanto prisioneiro de guerra, o Capitão Giuchici conseguiu fugir duas vezes, mas foi sempre recapturado – os três foram libertados ao fim da guerra).

transformada em aerotransportada, função na qual foi designada a 15/08/42. Ela tinha um impressionante histórico na 2ª Guerra Mundial, tendo atuado na Sicília, Itália, Normandia, na Market-Garden e nas Ardenas.

A 82ª DAet formou uma força-tarefa, a "Task Force A", sob o comando do General Swift, Assistente do Comandante da divisão. A "Task Force A" consistia dos 517º e 505º RPQDs, sendo que este estava a caminho da frente naquele momento e estaria em posição em Vossenack no dia seguinte, à direita do 517º, enquanto este iria continuar o seu ataque como planejado. O ataque seria retomado às 21:30 h de 07/02/45, com o 1º Batalhão partindo da Cota 400 45 minutos depois. Contudo, o moral estava baixo. O regimento já havia sofrido mais de 100 baixas, incluindo os comandantes das Companhias "F" (Capitão George Giuchici, desaparecido) e "I" (Capitão Jim Birder, morto por uma mina), além do Capitão Woodhull, do 460º Batalhão de Artilharia, morto. Além disso, os efetivos de fuzileiros dos batalhões estavam muito reduzidos.

Às 21:45 h, o 2º Batalhão moveu-se silenciosamente através da trilha aberta nos campos minados. Pela 1:00 h, ele chegou à margem da ravina do Kall. À 1:45 h, o 1º Batalhão estava a 350 metros a sudeste da Cota 400.

Ao amanhecer, a situação se desintegrou novamente. Os *Fallschirmjäger*s sabiam que qualquer novo ataque teria que vir por aquele caminho e estavam prontos, esperando por ele. Ao norte do Kall, os soldados do 2º Batalhão caíram sob pesado fogo de metralhadoras e morteiro. Tentando evitar esse fogo e esperando encontrar um ponto mais seguro para a travessia, uma companhia moveu-se para o leste. Ela se viu ao sul do 1º Batalhão e às 9:30 h foi atingida por um forte contra-ataque, que forçou o 1º Batalhão a recuar para a Cota 400. Às 11:00 h, a companhia informou que estava apenas com 1/3 do seu poderio de quando começou o ataque.

Em resposta a um questionamento do QG da 82ª Divisão Aeroterrestre, o Coronel Graves, comandante do 517º RPQD, informou que sua intenção era manter todo o terreno a sudeste da cidade que ele pudesse. Pouco antes de escurecer, soldados do 3º Batalhão, vasculhando para o sul, viram tanques americanos avançando para leste ao longo da estrada Schmidt-Nideggen, a qual era o objetivo do regimento.

Pelo meio da tarde, chegou a informação de que o 517º seria substituído pelo 508º RPQD naquela noite. Pelas 3:00 h da manhã seguinte, a substituição estava concluída.

Em três dias, o 517º RPQD havia sofrido mais de 200 baixas, ou seja, cerca de 1/4 de seu efetivo de fuzileiros. O 6º Regimento PQD alemão havia

combatido literalmente até a morte: em toda a batalha, foi feito apenas um prisioneiro e, mesmo assim, por estar inconsciente devido à concussão de uma granada.

Enquanto isso, a 78ª DI tomava Schmidt e, no dia seguinte, capturava a represa de Schwammenauel. Com a perda de Schmidt, os alemães abandonaram a região. O 505º RPQD atravessou o Kall ao sul de Vossenack sem dificuldade, encontrando Kommerscheidt já ocupada pela 78ª DI. A 10/02/45, a 9ª DI passou à frente da 78ª e, com a 82ª à esquerda, avançou para o banco oeste do Roer contra uma resistência simbólica.

Ver outras unidades limpando a área com relativa facilidade após serem quase dizimados foi duro para os homens do 517º. Os sobreviventes da provação deixaram Bergstein irritados e frustrados. Esses sentimentos eram naturais, mas não justificados. Desde o início, a missão real deles havia sido atrair forças alemãs do caminho do esforço principal feito em Schmidt e nisso eles foram muito bem-sucedidos. O 517º havia sido engajado simplesmente para fazer com que os alemães, ao enfrentarem pára-quedistas, acreditassem que o esforço principal seria deles. Nunca se havia esperado que o 517º, naquelas condições, conseguisse atingir a estrada Schmidt-Nideggen. Foi uma mesquinha exploração da sua coragem e o cúmulo da irresponsabilidade dos altos escalões. Lançar os soldados do 517º num ataque suicida, sem o mínimo apoio e sem a menor chance de sucesso, apenas para que os alemães vissem seus uniformes de pára-quedistas, isto já em fevereiro de 1945, foi a mais pusilânime decisão de comando dos aliados de toda a batalha de Hurtgen e, talvez, de toda a campanha no noroeste europeu. Portanto, qualquer mérito pela captura de Schmidt e da represa de Schwammenauel deve, portanto, pertencer tanto aos homens do 517º RPQD como aos da 78ª DI.

Desfecho

Compreendendo que a represa de Schwammenauel cairia em breve em mãos americanas, os alemães destruíram os mecanismos de controle do nível da água, permitindo a rápida enchente da planície do Roer, na noite de 9 para 10 de fevereiro de 1945. Na véspera, o 1º Exército canadense havia lançado a "Operação Veritable", um ataque através da Floresta de Reichswald, que se pretendia convergir para uma ofensiva do 9º Exército americano ("Operação Grenade") dois dias depois. Com o fracasso americano em capturar as represas a tempo, o 9º Exército ficou impossibilitado de atravessar o rio Roer e a "Grenade" foi adiada por praticamente duas semanas, obrigando britânicos e canadenses a lutar sozinhos. So-

mente a 23/02/45, os americanos atravessariam o Roer.

Conclusões

Cerca de 120.000 americanos, mais recomplementos individuais que aumentam esse número em vários milhares, combateram em Hurtgen. Mais de 24.000 americanos foram mortos, capturados, feridos ou dados como desaparecidos, o que dá uma média de mais de 4.000 baixas por divisão empenhada nessa batalha. Mais de 8.000 homens foram vítimas de “pé-de-trincheira”, dos elementos da floresta, doenças respiratórias e fadiga de combate. Do outro lado, cerca de 80.000 alemães lutaram em Hurtgen e suas baixas são estimadas em 28.000.

Uma análise da Batalha da Floresta de Hurtgen passa por quatro perguntas: Por que Hurtgen? Essa batalha era realmente necessária? O que deu errado? E, finalmente, quem a venceu?



O melancólico fim: soldado americano assiste impotente à destruição da represa de *Schwammenauel*

Por que Hurtgen? De início, é óbvio que a região não atraía a atenção dos planejadores aliados como deveria, pois o único objetivo de Collins ao ordenar que a 9ª DI entrasse nela era simplesmente garantir o seu flanco sul enquanto ele avançava pelo “Corredor de Stolberg”. Ainda não

era, de fato, a “Batalha da Floresta de Hurtgen”. Que as represas do Roer eram de importância fundamental não se discute. Sem o controle dessas represas, os aliados não poderiam avançar para além daquele rio. Com isso, parcela importante das forças aliadas ficaria impossibilitada de invadir a Alemanha. Porém, não se sabe ao certo quando os aliados compreenderam isso, embora seja certo que em fins de outubro as represas passaram a fazer parte dos seus cálculos.

Foi com a entrada da 28ª DI, agora visando Schmidt e os acessos às represas, que a batalha pela floresta começou realmente. Uma vez que já havia um ponto de apoio nela, na sua borda norte, era natural que o novo ataque partisse dali, ao invés de começar tudo de novo de outra direção. Mas, mesmo então, os americanos subestimaram em muito a determinação dos alemães em manter a região e a sua capacidade de fazê-lo. A euforia da rápida libertação da França, a visão dos enxames de prisioneiros e das milhares de carcaças fumegantes do que fora a outrora temível Wehrmacht levaram os aliados a achar que a Alemanha estava liquidada e que bastava avançar e ocupar o país quase indefeso. Os americanos subestimaram também as dificuldades do terreno e as condições climáticas. Em suma, o ataque da 28ª DI só pode ser entendido dentro da atmosfera de otimismo que reinava nos QGs aliados. O resultado disto foi a desastrosa derrota da “Keystone” e um amargo despertar para os americanos: a guerra ainda não estava ganha.

Agora que Hurtgen passaria a ser levada a sério, mais divisões partiram para a sua conquista e mais recursos foram destinados a ela. Apesar das sangrentas batalhas e das pesadas baixas, a conquista de Hurtgen era inexorável como a vitória final aliada.

Era realmente necessária? Muitos historiadores levantaram diversas alternativas para a sangrenta batalha e, em suas crônicas, ganham a guerra mais rapidamente e poupando mais vidas. Porém, eles se valem muito do conhecimento *post-facto* ao apresentar seus argumentos. Eles se esquecem que os comandantes no local não tinham a seu favor o luxo de refletir sobre eventos que ainda iriam ocorrer, reavaliar seus cálculos e estudar outras possibilidades décadas depois dos fatos. O tempo que eles tinham para se inteirar da situação, elaborar planos e executá-los era muito menor do que o que dispõe hoje os historiadores, os quais ainda têm a vantagem de não sofrerem pressões por resultados.

Contudo, os argumentos em favor de outras rotas de aproximação esbarram em problemas sérios por onde quer que tentem passar. A rede de estradas que começa em Monschau segue para

noroeste através de Simmerath, Rollesbroich, Richelskaul e eventualmente atinge as vilas fortificadas de Germeter, Hurtgen e Kleinhau e o terreno elevado na área de Brandenburg. Ou seja, mais cedo ou mais tarde, seria essencial para o 1º Exército avançar para Düren e, eventualmente, Colônia. E a rota mais curta de aproximação para esta crítica rede de estradas era através da Floresta de Hurtgen. Os alemães tinham consciência da importância dessa rede de estradas (afinal, eles não fortificaram as suas cidades e defenderam-nas tenazmente à toa). Portanto, estas linhas de comunicação eram igualmente essenciais, assim como as represas do Roer.

Outros pontos de vista expressam a idéia de excesso de cautela por parte do alto comando americano, o que teria impedido a implementação de um desbordamento puro e simples da região. Em resposta a isso, podemos citar o fato de que quem primeiro se preocupou com a ameaça vinda de Hurtgen não era outro senão o audacioso, competente e experiente “Zé Relâmpago” Collins, que num julgamento sensato demonstrou preocupação com seu flanco exposto ali.

Outra linha de raciocínio alega que Eisenhower poderia ter aguardado até depois do inverno para começar os ataques dentro da Alemanha. Ele poderia ter se concentrado em assegurar as suas linhas de suprimento (com a abertura do porto de Antuérpia) e dado às tropas tempo para descansar. Porém, fazendo isso, ele também daria aos alemães mais tempo para se preparar para defender o solo pátrio e sua ofensiva de dezembro poderia ter sido muito mais forte. Apenas no setor de Aachen, 5 divisões Panzer, uma divisão PQD e pelo menos 6 de infantaria, algumas das quais originalmente programadas para serem poupadas para o ataque nas Ardenas, haviam sido severamente desgastadas e sua reabilitação consideravelmente retardada. O combate naquela região foi também responsável pelo atraso no aprestamento para a Batalha das Ardenas de dois QGs de Corpo e duas brigadas de canhões de assalto.

O que deu errado? O desastre da 28ª DI e as pesadas baixas sofridas por todas as divisões que lutaram em Hurtgen fizeram com que se levantasse um clamor unânime de todos os que se deram ao trabalho de analisar essa batalha. Em linhas gerais, os historiadores apontam três razões para o fracasso em Hurtgen: objetivos negligenciados, o não desbordamento da floresta e liderança incompetente.

Não há dúvida de que a falta de compreensão a respeito da importância das represas levou a todos os erros iniciais dos americanos. Mas isso não é tudo: o otimismo exagerado e a precipitação de atacar sob condições atmosféricas adver-

sas também fazem parte desta receita. Contudo, este argumento só é realmente válido para os ataques das 9ª e 28ª divisões. Após um difícil começo, os americanos estabeleceram um objetivo claro e partiram para atingi-lo, com preparação e planos mais adequados.

Outro tema levantado é o do não desbordamento da Floresta de Hurtgen. Não seria possível simplesmente ignorar toda a região e avançar apenas pelas extremidades do extenso front aliado? Afinal, os reflexos da inundação do Roer não afetavam em nada a frente aliada ao sul das Ardenas e na Holanda. Mesmo os alemães não compreendiam por que os americanos não passavam simplesmente ao largo da Floresta de Hurtgen. Mas, a razão é simples: Estratégia de Frente Ampla.

Não cabe aqui o debate entre “Frente Ampla” e “Frente Estreita”, que deliciou tantos estrategistas de fim de semana durante as últimas seis décadas. Mas, uma vez que aquela foi a estratégia escolhida por Eisenhower, ela teria que ser implementada. E ela determinava o avanço contínuo de todos os exércitos aliados lado-a-lado. E a investida contra a Floresta de Hurtgen seguiu essa doutrina.

A maioria dos livros sobre o assunto, porém, conclui que os comandantes americanos cometeram um grande erro ao entrar na floresta e que poderiam tê-la evitado se o quisessem. Ali, eles deliberadamente abriram mão das grandes vantagens aliadas, ou seja, sua superioridade numérica, sua maior mobilidade e sua supremacia aérea. Contudo, o que fazia a floresta ser importante era o rio Roer, ou, mais especificamente, as suas represas. E o caminho mais curto para as represas era através da floresta. Portanto, até que premissas mais convincentes surjam para fundamentar outras hipóteses, só se pode considerar o desbordamento da região como desaconselhável e potencialmente arriscado, além de uma contradição ao conceito estratégico de “Frente Ampla”.

Por fim, um outro tema comum é centrado na liderança incompetente da parte dos comandantes americanos responsáveis por conduzir as batalhas na Floresta de Hurtgen.

As críticas são dirigidas primeiramente aos níveis de Corpo e Exército. Segundo os críticos mais ácidos, Collins, Gerow e Hodges falharam grosseiramente (ou mesmo criminosamente) em suas concepções estratégicas. Mas, ainda pior que isso, em momento algum parece ter havido qualquer iniciativa desses comandos em se inteirar das condições em que a batalha estava sendo realmente travada.

Do nível divisão para baixo o problema era outro. Os aliados vinham marchando vitoriosamente havia semanas e nenhum comandante divisional

ou regimental tinha coragem de dizer para o chefe que a tarefa à sua frente era irrealizável. Todos os exércitos aliados estavam avançando e vencendo em todas as frentes, então, por que somente em alguns poucos míseros quilômetros o inimigo seria capaz de derrotá-los? O espírito ofensivo foi sempre muito cultuado nas forças armadas americanas e qualquer atitude que denotasse fraqueza, falta de determinação ou incompetência eram suficientes para um comandante perder o emprego (e isso aconteceu várias vezes durante essa batalha). Portanto, os QGs superiores muitas vezes também não eram informados do que estava realmente acontecendo.

Mas, nem mesmo comandantes de batalhão visitavam a frente. QGs de Batalhão até Exército tinham sempre boas acomodações e seus integrantes raramente chegavam perto do front. É claro que houve notáveis exceções, mas, em geral, os oficiais emitiam as ordens de ataque e definiam os objetivos sem ter uma idéia real e clara do que estavam mandando suas companhias de fuzileiros fazer. Veteranos disseram que somente em raríssimas ocasiões viram um oficial acima da patente de capitão ou mesmo qualquer oficial de Estado-Maior.

Os oficiais do nível de capitão para baixo eram tenentes recentemente comissionados e soldados de sargento para baixo eram recrutas novatos. Os líderes de frações de tropa rapidamente compreenderam que o controle de formações maiores que pelotões era quase impossível. Soldados a mais que alguns poucos metros de distância não conseguiam sequer se ver. Mapas eram quase inúteis.

O treinamento americano não previa o combate em florestas. Quando os alemães bombardeavam os GIs, eles se lançavam ao solo, como haviam sido treinados para fazer. Com isso, eles expunham toda a extensão do corpo a uma chuva de metal aquecido e lascas de madeira afiadas. Eles descobriram (da pior maneira) que a única forma de sobreviver a um bombardeio em Hurtgen era colar-se a uma árvore. Com isso, eles expunham somente seus capacetes de aço à chuva de fragmentos que descia do alto das árvores¹¹.

A prática de enviar recompletamentos para unidades desgastadas, ao invés de substituir a unidade propriamente dita, também acabou se revelando bastante improdutiva. Uma vez que o sistema de recompletamentos funcionava bem e, com isso, as unidades se mantinham sempre com efetivos próximos do nominal, ninguém parecia se importar com o fato de que unidades inteiras aos

poucos se constituíssem somente de substitutos sem experiência de combate e que muitas vezes nem se conheciam. Para o tipo de combate cerado, de pequenas frações de tropa, como em Hurtgen, isto era uma calamidade.

Enfim, o fiasco de Hurtgen não pode ser imputado a uma pessoa ou mesmo a um grupo delas. A verdade é que o US Army nunca previu, estudou, treinou ou planejou uma guerra nas condições que existiam em Hurtgen. A mesma coisa aconteceu no Pacífico, quando os “marines” se viram diante da missão de invadir as ilhas fortificadas pelos japoneses. Não havia precedentes, não existia o equipamento necessário nem informações adequadas. A tragédia de Tarawa, como em Hurtgen, se deveu à necessidade de atacar um objetivo para o qual não havia “manual”. A diferença é que no Pacífico os americanos aprenderam a lição e desenvolveram técnicas que logo obrigaram os japoneses a abandonar as praias e se defender no interior. Quanto ao combate em florestas, aparentemente, os americanos não aprenderam até hoje. Vide o Vietnã.

Quem a venceu? Os americanos conquistaram as represas do Roer e os alemães, por outro lado, com menores recursos, haviam retardado um grande avanço aliado por quase cinco meses. Em termos de baixas, ambos sofreram mais de 20.000, as quais os americanos podiam repor, enquanto os alemães, não. Contudo, nenhum dos dois lados tinha como objetivo uma batalha de atrito. Os americanos queriam capturar as represas e os alemães queriam impedi-los. Posto nestes termos, parece que a vitória foi inequivocamente americana.

Então por que não é celebrada como tal? Ao contrário, a Batalha de Hurtgen, repleta de feitos de memorável heroísmo, é pouco conhecida mesmo nos EUA.

Uma razão para isso é que o 1º Exército não atraiu corresponsáveis de guerra americanos como o 3º, do famoso General Patton, nem muito menos os britânicos, que davam mais atenção aos exércitos de Montgomery. O lento e sangrento avanço de Hodges na fronteira alemã não dava aos repórteres as manchetes que eles precisavam e que eles conseguiam em outros lugares. Também não havia nenhuma grande cidade na região cuja captura atraísse a atenção dos seus leitores. Finalmente, em momento algum houve uma grande ruptura ou avanço espetacular e mesmo a conquista da represa de Schwammenauel teve a frustração de encontrá-la destruída.

Outra razão é porque os generais falam pouco dela. Em seu livro “Cruzada na Europa”, Eisenhower menciona a batalha de forma precisa, mas resumida. O General Omar Bradley também

¹¹ Pelo final de outubro, foi lançado às tropas um manual de cinco páginas com instruções para combate em florestas.

fala muito pouco dela em seu “História de um Soldado”. E, em se tratando dos comandantes do TOE (Teatro de Operações Europeu) e do 12º Grupo-de-Exércitos, isso é realmente muito pouco. Pode-se argumentar que eles tiveram pouca (se é que tiveram alguma) participação no planejamento da batalha. Hodges, Gerow e Collins tiveram uma cota muito maior de responsabilidade, além dos comandantes divisionais. O General Collins fala a respeito da batalha em detalhes na sua autobiografia, “Lightning Joe”. Segundo Collins, a despeito de seu alto custo, a campanha da Floresta de Hurtgen foi necessária não somente como uma preliminar para atingir o Roer, mas também para a eliminação de uma eventual ameaça proporcionada pelas suas represas. Por fim, ele argumenta que por mais que a batalha tivesse custado caro em termos de baixas, suprimentos e equipamentos, ela foi igualmente custosa aos alemães, que tiveram que empenhar divisões, tanques e gasolina que fariam falta mais tarde nas Ardenas e na subsequente defesa do Reno. Já o General James M. Gavin, comandante da 82ª Divisão Aeroterrestre, em seu livro “Até Berlim”, faz coro com os historiadores: “O ataque contra Schmidt deveria ser executado, logicamente, descendo a linha de cristas que vinha de Lammersdorf. Estas duas cidades achavam-se ligadas por uma rodovia pavimentada e o terreno entre elas era uma mistura de bosques e campos cultivados, bom para o emprego de carros de combate; por ali, a operação tática seria muito mais simples do que através do vale do rio Kall. A dúvida que me assaltava era: por que motivo chegaram eles a engajarem-se num ataque através do vale? Por que não se ater ao terreno elevado, desbordando os alemães que estivessem no vale e prosseguindo para o rio Roer? Levantei esta dúvida para um oficial do Corpo, mas ele recusou-se a considerá-la. Indaguei que motivo os levaria a atacar através da floresta de Hurtgen, mas parece que era proibido abordar o assunto”. O silêncio do oficial de Estado-Maior parece denunciar que houve algo do que se envergonhar. Mas, se houve, não foi da parte dos homens que lutaram na terrível floresta. Muito pelo contrário, os soldados que lá estiveram só deram motivos de orgulho para ambas as nações que defenderam. Porém, desde então, esta batalha nunca figurou entre as que os americanos lembram orgulhosamente quando o assunto é 2ª Guerra Mundial. E se os americanos não gostam de lembrar dela, muito menos os alemães. Contudo, no final das contas, tudo o que os alemães poderiam ter lucrado com a luta em Hurtgen eles conseguiram. Pode-se mesmo dizer que eles tiveram uma “vitória moral”. Se é que existe tal coisa...